

1944
-0. NOV. 1996

ANO IV - N.º 166
20
JULHO
1944
PREÇO AVULSO
ESC. 1\$50



**VIDA
MUNDIAL**

Está um calor doido nesta cidade alfacinha. Por isso os lisboetas se precipitam nas praias e gozam o ar iodado do oceano!

ILUSTRADA

SEMANARIO GRAFICO DE ACTUALIDADES

DA CAPITAL

Quando Lisboa vai para fora...

O veraneio é um chiquismo de que se não prescinde na sociedade elegante. Toda a gente, mal apertam os primeiros calores, costuma dizer: «Não agüento a cidade! Quem me dera ir já para fora!». Antigamente, só as famílias gradas, que viviam de grossos cabedais, se davam ao luxo de ter, no verão, uma modesta casa na Trafaria ou em Fornos de Algodres. Hoje, porém, mudou de figura esse aspecto — aliás injustificável, porque os que trabalham têm mais direito às mercédias férias: não há ninguém que, ostentadamente, não vá para fora. Fazer o quê? Ao certo não se sabe. Muitos dizem que vão repousar, descansar o cérebro, arejar os pulmões — e alugam duas estreitas e ba-fientas divisões onde, na promiscuidade, com dormidas em acanhados divans e cozinhados feitos à cabeceira da cama, passam, deliciosamente, umas reconfortantes férias. Outros falam em turismo, em grandes hotéis, e acabam por ir para a Caparica, numa barraca, mal alojados — desejando a toda a hora que aquêlê delicioso martírio acabe, que as férias arrazam... Uma coisa se deduz: que, para muitos, ir para fora é snobismo. Tem chiquismo dizer-se na vizinhança e aos amigos que o verão é intolerável na cidade. O indivíduo cresce em consideração quando atrá, com desdém: «Este ano fico-me pelo Gerez!».

Na verdade, o Gerez — é Linda-a-Velha, num quarto sem janela, por onde as melgas, como esquadrihas voadoras, fazem impertinentes surtidas. Que as férias são necessárias a quem trabalha sabe-o toda a gente. E a prova é que elas são concedidas obrigatoriamente. Porém, nem todos se aproveitam delas. Muitos vão veranear para o café — e aos domingos tomam um banho de praia e, de papo para o ar, deixam que o sol requete a pele para mostrar que estiveram nos banhos. As senhoras, com mais facilidade, podem simular aquêlê tom da pele. Felizmente, a preços económicos, as perfumarias vendem tons de praia ou de campo, com mais ou menos todo.

E o veraneio dentro da catrinha. Graças ao progresso, qualquer dama chique pode fechar-se em casa, dormir regularmente as sextas e, depois, com afan e orgulho, mostrar a pele requemada, dizendo: a Póvoa, este ano, foi uma maçada!

E, se quiserem, podem mesmo forçar a nota: «a guerra veio complicar isto! Nem Cannes, onde se passava um bom bocado!».

Ora este veraneio, inofensivo, fêz-se unicamente para o «exterior». Fazem-nos lembrar aquêlê cavalheiros que, sem gostarem de música, são capazes de agüentar um concerto de piano a quatro mãos, muito atentos, com a mão na orelha, um ar de entendimento nas bochechas só porque ouviram dizer que estaria presente a melhor sociedade. Sentados nas cadeiras, todos êles se contorcem, dolorosamente, e quando o concerto termina, sacodem os ombros de satisfação como se tivessem aliçado a maior carga da sua vida.

E é, exactamente, isso que nos faz lembrar o veraneio de certas pessoas. Apertados, dormindo mal, metidos num estreito cubículo — mas radiantes porque, no fim, fizeram ver à vizinhança que foram para fora.

Foi o que aconteceu ao meu bom amigo Maldonado, das Alfândegas. A D. Sofia, sua esposa, muito vaidosa e senhora do seu nariz, queria, à viva força, ir veranear. E foi, na realidade. A vizinhança disse que partia para o Buçaco — um aborrecimento.

Mas, na verdade, foi para Carnide, para casa duns primos. Era uma habitação terrea que servira de adega e agora fazia de arrecadação de pipas velhas e utensílios de lavoura. Ao lado era a cocheira e, mais adiante, o curral dos porcos.

Tão bem instalados, o Maldonado todos os dias lastimava a sua sorte e desejava, ardentemente, o regresso a Lisboa. Numa noite a chuva inundou-lhe a casa porque algumas telhas estavam partidas — e, noutra ocasião, foi dar com os porcos a roerem-lhe os coelhos da cama — porque a porta ficara encostada.

Os filhos vieram, de tão salutar veraneio, com uma camada de seções e a Dona Sofia teve brotoeja — disse o médico — por dormir em cima do feno.

Maldonado jurou para nunca mais. Agora, quando chega o verão, vão sempre para Alçês — e isto de veranear é em casa, de janelas abertas, que também areja os pulmões. Pode a Dona Sofia protestar, dizer mal da sua sorte — que o Maldonado só irá passar o verão fora com um seguro de vida.

Que lhe interessa o que diz a vizinhança?

— Então, senhor Maldonado, não vai para fora?

— Não tenho licença! Há muito serviço!

E se a mulher lhe diz qualquer coisa, Maldonado, com azedume, recorda-lhe a brotoeja, as seções, as noites mal dormidas, os mosquitos, a chuvada, todas essas deliciosas prendas que o veraneio, fértilmente, lhes ofereceu.

MANUEL MARTINHO

Este cão quer ser sinaleiro!



Os pregões, êsses bons dias na cidade, vão desaparecendo. Desde a mulher da fava rica, figura tão curiosa, que logo de madrugada batia a cidade apregoando o almoço dos pobres, ao leiteiro que mungia a vaquinha na rua, tudo desapareceu. Ainda não há muitos anos que o aguadeiro, com o grande barril sobre os ombros, oferecia a água fresca, nos bairros citadinos, água que algumas vezes era luxo de monta.

Havia até fregueses certos que, para chamarem o aguadeiro, punham um sinal à janela. Por exemplo: uma toalha. O aguadeiro, geralmente galêgo, passava e via o sinal. Já sabia que aquêlê freguês pretendia um barril de água. Costuma dizer-se, a propósito dêstes galegos que faziam daquele modo de vida o seu ganha-pão: «que a água é nossa — e êles é que a vendem». Na verdade, era assim. Durante muitos anos os aguadeiros, «aú, aú!» com o seu pregão, encheram a cidade dum pitoresco inesquecível. Depois, com o progresso, a cidade prescindiu dos seus serviços. Ficaram alguns por aí, com as cordas, a dar serventia de recados e fretes. Às esquinas, nos largos, foram os moços de fretes, os portadores de muitas amorosas missivas. Ainda hoje se pode encontrar um daqueles honrados homens com um ramo de flores. Em mangas de camisa, suados, grossas botas, êles vão entregar aquilo que muitos, por timidez, se envergonham de fazer...

Além destas tão curiosas figuras que foram desaparecendo, outras havia que é interessante recordar. O salsicheiro, de largo avental, com o burrito, cheio de fressura, mão de vaca, figado, bofe — tudo cortado e pesado à vista do freguês. A dona da casa não necessitava de sair à praça. A determinadas horas, com pontualidade, a praça era a rua.

Mulheres com cabazes de flores — o queijinho fresco dos saloios, a boa fruta, em carroçadas. Além das peixeiras, com as canastras atestadas, vinham também as galinheiras. Frangos, galos e patos — meias-galinhas depenadas, prontas a entrar na panela — e ovos... particulares, que tinham fama para as gemadas. O leiteiro da manhãzinha era bem curioso. À frente, a vaca, com as tetas pejadadas, chocalhando. A freguesia chamava — e o leite era ali mesmo mungido, com o selo de garantia — que isto da água é invenção recente...

O aguadeiro levava naquele bom tempo um vintém por um barril de água. E o leite, um jarro bem cheio, saía à razão de um pataco, meio litro. Bons tempos, dirão alguns que ainda se lembram destas pechinças! Na ver-

ONDE SE METEU O AZEITEIRO?

dade, bons tempos pela abundância e especialidade — que os mixordeiros são pratos da confusão e da ganância!

Também, tôdas as manhãs, passava o homem do petróleo. Trazia, presas às costas por corceias, duas grandes bilhas de fôlha!

O seu pregão era bem conhecido: pistoline!

Alguns traziam um apito estridente — e outros gaitas. Homens fortes, despenpados, corriam os bairros, oferecendo a sua mercadoria — que hoje, por ironia, com o progresso, só se alcança com requerimentos.

E o azeiteiro, quem não recorda o azeiteiro? As suas bilhas reluzentes, brilhavam ao sol. Era um azeiteinho fino, de prato, que consolava. Não era preciso bicha, porque chegava e sobejava. De todos, êste foi talvez o que mais se conservou por aí. Ainda há bem pouco tempo se encontrava na cidade, sobretudo nesses bairros populares. Já não andava, como antigamente, com as bilhas sobre os ombros. Comprara um burro — e alguns até carroças. E assim levavam a sua mercadoria, não se limitando só à venda do azeite. Era o vinagre, o óleo tudo por medida aferida. Traziam um apito com que davam sinal à clientela.

Um belo dia com o ritmo da guerra, o azeiteiro desapareceu. As bilhas, o burro, as medidas encostaram-se a um canto... à espera de voltar ao negócio. Ainda nos lembramos, que, quando foi da falta de petróleo — o azeiteiro apareceu num bairro popular.

Pois aquilo foi um verdadeiro assalto. Tudo pulou para o meio da rua — fêz-se algazarra — e pareceu-nos que até o homenzinho engoliu o apito, com a precipitação.

Desde aí nunca mais ninguém o viu. Quando aparecerá outra vez o azeiteiro?

UMA PEQUENA REPORTAGEM

Como se tiram os calos e as dores de dentes...

MUITO rapazio, em volta, de boca aberta. É um grande círculo humano de basbaques. No meio, um grande lagarto, esverdeado, mexe-se, lentamente, com uma réstea de sol sobre o lombo. Numa mesinha, cheia de frascos, com rótulos, um pequeno macaco coça a cabeça, fazendo esgares. A garotada, cheia de entusiasmo, bate palmas. Aquilo é um verdadeiro espectáculo, dos mais baratos, porque nada se paga. O círculo é enorme — tudo basbaques que, sem nada que fazer, ali estacionam, com o sol nas costas, a dar moleza. Uma voz se ergue do largo, forte e imperiosa: «Meus senhores! A única, a melhor pomada que derrota, totalmente, os calos, que os deixa sem raízes — é esta, do célebre génio que a inventou!».

E depois, desembulhando uma pequena caixa, com rótulo prateado — o réclamista volta-se para a assistência — e pergunta:

— Há aí alguém que sofra dos calos e que queira experimentar?

Mas ninguém responde. Todos desejam

ESTÁ DE ACORDO COM ISTO?

É com o máximo empenho que registamos aqui as informações concedidas pela Administração Geral dos Correios, Telégrafos e Telefones, a propósito de uma carta que nos enviou a sr.^a D. Etelvina Lopes, em referência à recusa de uma carta lacrada. Eis as informações que nos foram concedidas amavelmente:

«...nos lacres das correspondências para registo devem ter impressos sinetes particulares, isto é, sinetes que não seja possível substituir com-facilidade.»

Esperamos que a nossa amável correspondente preste aos C. T. T. as informações que por sua vez lhe foram solicitadas — e que todos encontrem na nota que publicamos o aviso de que porventura necessitam...

Moro há mais de 20 anos no 1.^o andar de um prédio, cujo contrato de arrendamento fôra feito por um usufrutuário do mesmo prédio, e a renda estava actualizada para 135\$00.

Tendo falecido o usufrutuário, fui dias depois notificado pelo herdeiro, novo senhorio do prédio, de que o meu contrato caducara, que a renda mensal passava agora para 500\$00, e que, no caso de me não convir a nova renda, teria de pôr escritos, porque tudo isso a lei permitia, podendo até despedir os inquilinos que lhe não conviessem na casa.

Compreende-se que com o desaparecimento do usufrutuário dum prédio, o herdeiro — senhorio possa aumentar uma percentagem de cinco, dez, vinte e até mesmo cem por cento sobre a renda anterior, ficando, é claro, os actuais inquilinos com direito de opção perante qualquer outro pretendente à casa.

O que não está certo é que à lei respectiva falte um travão para o despedimento arbitrário dos inquilinos, e para a ganância desmedida de senhorios que, como no caso presente, elevam exageradamente, e sem consciên-

cia, as rendas dos prédios que anteriormente eram usufruídos por outrem.

UMA VITIMA DOS SENHORIOS — Lisboa.

Moro no Largo de S. Martinho, onde há pouco foram postas 5 árvores que não só vieram trazer embelezamento como os demais benefícios que a arborização produz. Porém, a esta boa ideia, veio logo oppôr-se a inconsciência, filha da falta de educação e do abandono a que as crianças estão votadas.

Nem a Rua Augusto Rosa nem o Largo de S. Martinho, onde a mesma começa, são policiadas. Dizem os habitantes mais antigos que é por ficar próximo a guarda que faz serviço ao Limoeiro. Ora, se tomarmos as distâncias no sentido em que em Lisboa se fazem disparates, a ocultar da autoridade, verificamos que ainda fica margem para se fazerem piores coisas, visto que, sendo o referido largo invisível do ponto onde se encontra, a sentinela de nada serve, para o efeito. E isto mesmo, é só no caso de ter outras instruções que não sejam velar pela segurança dos presos.

O que no Largo de S. Martinho se passa pode classificar-se de crime, visto que as desgraçadas árvores, de raízes ainda pouco consistentes, dificilmente resistirão aos abanões dum cardume de garotos que durante o dia as não deixam, e a outros abanões, mas êstes mais fortes, dados por rapazes, frequentadores dêste largo, que ao saírem das suas ocupações fazem dêle campo de futebol.

Além destas razões, que julgo serem de merecedora atenção, há também o sossêgo de que os moradores do largo estão privados e o nenhum respeito por uma senhora doente e de bastante idade que tem a infelicidade de morar num rez-do-chão.

O aparecimento dum polícia, de vez em quando, com instruções para intervir, era o suficiente para acabar com êstes males...

JOSE SOBREIRO — Largo de S. Martinho.

VELHINHAS DE LISBOA...



Lisboa tem os seus tipos populares, como talvez poucas outras capitais. Não admira. O nosso espirito conservador transforma os homens em ídolos, à força de os ver — e nunca mais os esquece. Hoje, naturalmente, menos do que ontem e amanhã menos do que hoje. Em todo o caso, todos nós começamos por observar e querer bem a um certo número de figuras que se cruzam connosco nos caminhos habituais e de todos os dias: é a mulher que vende pevides à porta do liceu que frequentamos quando fomos garotos, é a outra que encontramos, mais tarde, a caminho do trabalho. Essas figuras passam a fazer parte do «décor» das suas e, ali, da paisagem interior de cada um de nós, porque os associamos aos nossos pensamentos, quando reconstituímos cenas da nossa vida. Pois — caso estranho! — essas figuras raras vezes não são velhas! Parece até que já morreram assim tal qual as vemos hoje, amanhã e sempre a vender papel de carta, pevides e torrão de Alicante. Nunca as conhecemos de outra idade — e talvez que mesmo as suas almas tristes nunca tivessem tido juventude.

Aqui damos algumas dessas figuras, tristes, velhinhas decorativas das ruas de Lisboa que ainda ganham a vida! Temos a certeza de que não há quem as não tenha visto, na sua peregrinação diária...

(Fotos Serodio)

DO MUNDO

A marcha para Berlim

SOB o ponto de vista geográfico e geométrico, a guerra na Europa chegou a um ponto em que se pode, pelo menos, assinalar uma curiosidade: quem tome um mapa, o desdobre, tome depois um compasso e faça centro em Berlim, vai encontrar, secantes com o mesmo arco de círculo, as três frentes de batalha. Quere dizer, as tropas de Eisenhower na Normandia, de Alexander na Itália e as russas na Polónia, mordendo a Finlândia, a Estónia, a Lituânia e a Roménia, encontram-se sensivelmente à mesma distância da capital alemã. Como, justamente, Berlim é uma capital sensivelmente central — ao contrário de Paris, que, pela sua excentricidade, sempre tem estado ao alcance das invasões de leste — aquela observação continua a ser verdadeira quando, mantendo-se os mesmos pontos de partida, se fixem como objectivos as fronteiras políticas que o Reich se tinha estabelecido em 1939, à data do começo da guerra, a fronteira do Reno para ingleses de Montgomery, a fronteira de Innsbruck, na antiga Austria, para os ingleses, americanos e polacos dos 5.º e 8.º exércitos, a fronteira da Prússia Oriental para as forças de Jukov — tudo rectas que se podem avaliar, «grosso modo», em 450 quilómetros a percorrer.

É evidente que, nos mapas, os obstáculos são teóricos, mas, sobre o terreno, são realidades autênticas, que não precisam de ser avolumadas para se lhes reconhecer a sua justa configuração. A conhecida história do toureiro que dizia ver o touro, logo que saltava na arena, com as dimensões e o poder de uma locomotiva, não precisa de ser recordada, pois aparece, naturalmente, como exemplo próprio para ilustrar a situação, em que cada obstáculo natural logo é aproveitado pelos comandos para a constituição de um nó de resistência, núcleo onde se agarram as defesas, com todas as artimanhas de que é próprio o engenho do homem e com todas as particularidades de aperfeiçoamento que a técnica põe hoje à disposição das necessidades do homem. Rios, canais, serras, elevações e depressões, as próprias zonas povoadas fornecem elementos para que se forme e reforme a resistência. Na Normandia, as velhas e sólidas construções, à beira da pedra, forneceram aos alemães, para demorar a sua retirada, a razão de ser e o corpo nuclear de muitas fortificações. Na Itália, a posição de Cassino, que não era, evidentemente, uma fortaleza assinalada nos mapas militares, ficou como um exemplo. Na Rússia, a defesa alemã ficou-se, meses e meses a fio, ao longo de cidades ou centros de comunicações: Vitebsk, Viazma, Orsha, Mogilev. De modo que é menos fácil do que pode parecer, a que servir de base de considerações geográficas, pondo de parte as características militares, qual é daqueles três caminhos o mais fácil de percorrer para atingir as fronteiras alemãs, mas talvez que não possa ser arguido de levandade ou excesso de simplismo na apreciação quem considerar que a mais difícil tarefa seria a dos exércitos da Itália, com as defesas do Pó antes da cortina gigantesca dos Alpes; que os exércitos da testa de ponte têm o caminho relativamente aberto para Paris e que de Paris ao Reno basta percorrer ao contrário o caminho que os alemães fizeram em 1940, tendo agora diante de si a dupla linha de fortificações francesas (Maginot, com os canhões virados a occidente) e de fortificações alemãs (Siegfried) tudo naturalmente reforçado com os ensinamentos teóricos e práticos de quatro estradados anos de batalhas; e que as forças vindas de leste são as que têm, aparentemente, menores dificuldades naturais na sua frente, para romper através da Polónia e da Lituânia e chegar à Prússia Oriental, antes de 1939 dividida do território principal do Reich pelo questionado corredor de Dantzig. É evidente que este é o esquema estratégico da luta em pleno desenvolvimento. Não mais acções isoladas, cada um fazer por si o que pudesse. É fora de dúvida que os exércitos das Nações Unidas se empenham abertamente numa acção comum, com plano conjugado, na execução do que se previu estabelecer na conferência Roosevelt-Churchill-Staline, em Tcherão. Os alemães falam sem disfarce na ofensiva concêntrica, o centro é Berlim, para onde convergem as massas militares de oeste, de leste e do sul da Europa. Do ritmo com que podem ser conduzidas essas massas militares é que não se nos afigura possível adivinhar a sua conjuntura — pois que isso seria estabelecer o próprio tempo necessário para o desfecho da guerra. Não feita, é certo, quem se aventure a trazer a público a afirmação de que o fim se pode registar ainda este verão. Mas 450 quilómetros — por qualquer dos lados — são ainda uma grande distância a percorrer, a defesa alemã mostra-se ainda relativamente sólida — com efectivos, calculados aliás nos meios anglo-americanos, de 300 a 320 divídiões, o que, com os hipotéticos 10 mil homens que passou a ser corrente atribuir-se como valor médio actual das divídiões alemãs em todo o aspecto de ser uma estimativa um pouco abaixo da realidade. O comentador militar da rádio alemã, general Dittmar, embora «sem pretender desconhecer a gravidade da situação», entende que não pode, ao menos por agora, «falar-se de uma crise de defesas». Considera que as perfurações sofridas provocarão necessariamente rectificações da frente, mas exprime-se em termos de não consideraria rectificações com o carácter catastrófico que já lhe antevêm alguns comentadores turcos. Como nestas coisas não vale a pena a gente deitar-se a adivinhar, o melhor é fechar com um simples «a ver vamos» — como diz o cego... — J. R. S.



FRANÇA

É capaz de dizer quem são?

Quem seria capaz de reconhecer, neste senhor sem barba, o velho Luís Marin dos últimos anos da Terceira República francesa? E, entretanto, é ele mesmo que, há algum tempo, se encontra refugiado em Londres, depois de mil peripécias numa viagem que começou com os disfarces usados diante da polícia de Darnand.

Pois, para o efeito da sua evasão, Luís Marin teve de fazer um grande sacrifício: deitar abaixo o par de gatas do bigode à galesea e cortar o cabelo à escovinha, destruindo, assim, essa «crina» branca que fez do velho leão de Nancy uma figura tão familiar dos frequentadores do Palácio de Bourbon.

Quem reconhecerá, pois, Luís Marin sob esta máscara barbeada e de cabelos cortados?



Kallay

HUNGRIA

Em vésperas do entendimento Kallay-Karoly?

ções comunistas que Bela-Kun dirige até sair vitorioso, numa Hungria bolchevizada.

Karoly parte para o exílio, e os seus haveres — depois da vitória da contra-revolução — passam à posse do governo nacionalista húngaro... Tinha, então, 25 anos. Hoje, é quasi septuagenário e mantém a mesma telmosa perseverança. Sem abdicar dos seus princípios, esteve sempre ao lado das democracias francesa e anglo-saxónica, tudo fazendo para esquecer as duras condições impostas pelo Tratado de Trianon. E, por muito estranho que pareça — Karoly ainda tem uma esperança e por ele trabalha: a reforma agrária da Hungria — o que, deve dizer-se, há-de interessar muito a certas entidades empenhadas hoje na luta.

Karoly e Kallay encontrarão, pois, um terreno de entendimento? O discurso de Kallay pode traduzir esse desejo. E o seu afastamento pode traduzir ainda melhor que, no governo, ele devia estar pouco mais que só.

Enfim, Kallay não seria o homem indicado para a reforma agrária. Por outro lado, o «Comité de Londres» declarou: «Não pretendemos qualquer espécie de hegemonia húngara, na bacia do Danúbio» — o que equivale a dizer que os partidários de Karoly renunciam aos territórios tirados, depois de 1938, à Checo-Eslóvia e à Iugoslávia. Ora, Kallay, representante do conservantismo húngaro, não pode subscrever um tal abandono. Quanto à Transilvânia, o «Comité» não se pronunciou — e prudentemente — a tal respeito...



Miguel Karoly

POLÓNIA

Os novos selos da guerra

OS serviços postais polacos, que desde 15 de Dezembro de 1941 funcionam em Londres, emitiram uma nova série que virá a constituir uma raridade filatélica e que se destina a comemorar os feitos de armas dos soldados da Polónia em Monte Cassino.

Como, porém, a nova emissão levará tempo a imprimir, foram postos em circulação os selos que restavam das emissões anteriores com a sobrecarga: «Monte Cassino 18.V.1944». Esta emissão é limitada a 50.000 exemplares de cada valor, que será posta à venda apenas em série de 4 valores.

Os selos têm os seguintes desenhos:



nos: o primeiro (gr. 45), no sentido horizontal, mostra dois soldados polacos agachados atrás de uma metralhadora no campo de batalha; o segundo (gr. 55), mostra um tanque médio em movimento com o emblema polaco; o terceiro (gr. 80) mostra um bombardeiro «Wellington» e três «Hurricane» com os emblemas britânico e polaco; o quarto, e último, (zl. 1, Gr. 20), reproduz o heróico submarino polaco «Orzel».

Os novos selos apresentam as inscrições da parte superior e inferior cortadas e, por cima, a sobrecarga azul escuro. Todos os selos da nova série têm a um canto o emblema nacional polaco, com a Águia Branca, e noutro um «V».





A guerra na selva significa a combinação da velha arte de camuflagem com as armas mortíferas saídas recentemente das fábricas.



Um posto de socorros de emergência numa trincheira na Baía da Imperatriz Augusta em Bougainville. O doente é um oficial ferido, a quem é administrado um plasma sanguíneo.

OS FUSILEIROS NAVAIS AMÉRICA NA GUERRA DO PACÍFICO

QUE se passa no Pacífico — a guerra dos Americanos, cem por cento, pelo menos? Nós, europeus, vivemos principalmente asoberbados pela realidade da guerra que nas passa à porta — e, dos telegramas que nos trazem notícias do Pacífico, pouco mais nos interessa do que o saber que — «caiu nas nossas mãos...».

As vezes, é certo, seguimos emocionados o duelo, quando ele se acende mais violento — mas seguimo-lo, também, com o espírito desportivo de pessoas que assistem a um «match» formidável... A geografia cria destas bizarras contingências...

E, entretanto, no Pacífico, a luta é mais dura do que em qualquer outra parte — e dela podem depender, mais directamente que de nenhuma outra, as condições de vida na Europa.

Os americanos sabem-no, e, por isso, não lutam só por eles mas por todos. E por isso também, os seus corpos de «élite» é para ali que vão combater, como esses magníficos fuzileiros navais que, na selva, se batem duplamente contra o homem e contra a natureza.

Que sabemos nós, por exemplo, desses homens?

O público, em geral, talvez não saiba muito a seu respeito. Vamos nós dizê-lo em poucas linhas.

Ao atingirem as praias de Guadalcanar e Tulagi, a 7 de Agosto de 1942, quando da primeira ofensiva americana contra os japoneses, na presente segunda guerra mundial, cantavam-se entre as forças de desembarque muitos veteranos das campanhas anteriores nas selvas e florestas. Muitos desses oficiais experimentados e subalternos tomaram parte nas ulteriores operações em Rendova, Nova Georgia e Bougainville. À sua frente, teriam mais combates, nos quais a sua experiência e pericia na arte da guerra anfíbia e na selva seriam postos à prova em grau cada vez mais elevado.

O jovem estudante oficial ou o recruta estranha que os períodos de treino iniciais sejam tão violentos. Só quando alcançam as áreas de combate e enfrentam as condições físicas e psicológicas inerentes à guerra na selva, reconhecem cabalmente a absoluta necessidade da mais dura espécie de trabalho preliminar.

É árduo combater um inimigo quasi sempre a pé, pois que é difícil localizar e depois destruir as suas tropas que, por prévia ocupação do terreno onde se desenrola o combate, conhece as suas naturais armadilhas. Uma das grandes vantagens dos japoneses nas ilhas Salomão, Nova Guiné e noutras zonas tropicais do sul e ocidente do Pacífico, foi o elemento surpresa, proporcionado pelos vários esconderijos que utilizaram com extrema pericia.

Numerosos casos de movimentos executados sem cautela, durante as

primeiras fases dos combates em Guadalcanar e noutras ilhas do arquipélago de Salomão, provaram que a falta de cuidados significava ferimento ou morte súbita. Falar em voz alta, conversação entre as unidades, afim de se manter o contacto, mencionaram os nomes dos oficiais e comandantes de patrulha em sítios onde o inimigo podia ouvir, a falta de apropriada camuflagem e armadilhas, a falta de cuidados em matéria de higiene e prevenção contra a malária, tudo isso acrescentava novas cruzes aos cemitérios destas longínquas ilhas do Pacífico.

A conservação dos alimentos nas áreas de operações, o uso adequado da água potável, a robusta constituição física para suportar as torturas da selva e nas íngremes montanhas,

os espíritos fortes capazes de enfrentar a misteriosa escuridão das noites e seus estranhos sons, bem como a capacidade para suportar com coragem os momentos de tédio, enfim um sem número de predicados, constituem a grande exigência feita aos Fuzileiros Navais nas campanhas do Pacífico. Os constantes ataques do inimigo — dois bombardeamentos durante o dia, bombardeamento nocturno por mar e as infiltrações feitas de madrugada ou os ataques efectuados individualmente ou por unidades, tudo exerce os seus efeitos psicológicos sobre os soldados, em Guadalcanar, Tulagi, Rendova, Munda e noutras partes.

Os calmos e orientadores conselhos dos indivíduos experimentados ajudaram não em pouco, a manter

os novos soldados no caminho do sucesso e da vitória sobre o inimigo invisível da selva. Uma ou duas escaramuças com os nipónicos, ou os seus ensinamentos resultantes, colocaram os soldados novos na categoria de veteranos. Ficaram preparados a poder dizer aos recém-chegados como devia ser feita a guerra.

É devido à rígida disciplina, intensivo treino nos campos de manobras e instrução, boa preparação física e perfeita chefia, que as perdas nas fileiras dos Fuzileiros Navais nas ilhas de Salomão são abaixo do nível normal que constitui a expectativa no tipo de combate que tiveram de travar. Dois regimentos destas forças sofreram em França num só dia (4 de Outubro de 1918, em Champagne) mais perdas que uma inteira divisão em Guadalcanar, durante um período de sete semanas.

Os excelentes serviços médicos e cirúrgicos — muito mais — diantados do que há um quarto de século — foram outro grande factor que influíram na baixa percentagem de mortos, feridos e doentes, permitindo a estes que, depois de completamente restabelecidos, voltassem ao serviço activo. Centenas de soldados que, na outra guerra, teriam ficado permanentemente fora de acção, nomeados para outras missões ou licenciados como fisicamente incapazes, puderam voltar de novo a combater.

As perdas que mais tarde sofreram as unidades do exército nas ilhas Salomão foram proporcionalmente mais elevadas que as dos Fuzileiros Navais, devido aos inúmeros factores já citados.

A falta de experiência e treino da guerra na selva, como também a ausência do treino intenso a que foi sujeito o Corpo dos Fuzileiros Navais, não tornaram indicados para este tipo de guerra, com todas as suas consequências, muitos elementos do exército regular. Cedo, porém, tomaram conhecimento da situação e, com o auxílio dos veteranos dessas áreas, conseguiram elevar-se à altura de lutar contra o inimigo e contra a selva.

O emprego de paraquedistas como elementos de apoio nos assaltos às praias, embora heterogénio sob certos aspectos, provou ser eficaz. A criação de batalhões e regimentos de ataque foi outra grande realização dos planos do Corpo de Fuzileiros Navais. A aviação e a artilharia, virtualmente desconhecidas dos Fuzileiros Navais durante a primeira guerra mundial — exceptuando 3 esquadilhas de combate em França — desempenharam um papel importante no desenrolar da vitoriosa campanha.

Foram, contudo, a longa experiência e o treino da guerra na selva e nas florestas que proporcionaram o maior auxílio à tarefa dos Fuzileiros Navais na presente guerra no Pacífico.

ITÁLIA

Quando Roma foi liberta

○ Papa, que é ao mesmo tempo bispo de Roma, apareceu de novo. Da alta varanda de São Pedro, lançou a sua bênção sobre a multidão que o aclamava e falou-lhe dos altos desígnios espirituais do povo italiano. Ainda muito cedo, a multidão que circulava de frente dos aposentos privados do Sumo Pontífice, obrigava-o, com as suas súpias e aclamações, a aparecer a uma das janelas. Mas, à tarde, as manifestações foram ainda mais expressivas. A partir do meio-dia, as ruas de Roma começaram a ser cruzadas por delegações de todos os organismos religiosos, políticos e militares, ostentando grandes cartazes em que se lia: «Viva o Papa Romano!».

A bênção papa estava anunciada para as seis horas mas, meia hora antes, ninguém já arranjava lugar de frente da basílica, suportando um sol forte, indo a pé, porque em Roma não há electricidade para fazer andar os «eléctricos». Os uniformes dos Aliados — poucos, porque, nesse momento, as tropas têm outros assuntos a tratar — misturam-se com a multidão, mostrando-se romanos e estrangeiros mutuamente curiosos. Há soldados ingleses e americanos a admirar a luz doirada que envolve São Pedro, soldados franceses mais hábeis no entendimento do idioma italiano, jornalistas de meio mundo, holandeses que, como os italianos, esperam entrar na sua terra. E há diálogos dispersos: — Are you French? — Olá, oui je suis content, moi, aussi, je suis français! — enquanto um velho italiano grita aos quatro ventos: «vivi otto dias em Paris!».

Um pouco antes das seis horas, as aclamações começam: alguém fóra colocar na varanda onde Sua Santidade vai falar, uma rica tapeçaria. Depois vem os microfones, ligados aos alto-falantes. Das janelas do Vaticano, os guardas papais, de fatos brilhantes que são já do tempo da Renascença, vêem passar, numa rua lateral, os «jeeps» carregados de americanos. De repente, faz-se um silêncio que se transmuta numa aclamação monstra: «Viva o Papa!».

Uma silhueta branca acaba de aparecer. Por cima da sua cabeça, ao longo da fronteira da Basílica, uma grande legenda: «Paulus V Borgheus Romanus».

Quando, como então, o povo romano procura no Papa refúgio para as suas dores, sente-se que o Pontífice é para a cristandade acma de tudo, o seu chefe e o pai de Roma.

Depois do seu discurso improvisado, sempre dirigido aos romanos e que se substancia numa frase — Roma voltou para os romanos, demos graças a Deus — a multidão ajoelha, porque a delicada silhueta branca estendeu protectoramente as mãos...

O Papa fez o sinal da cruz e deu, especialmente, a bênção aos ausentes, pessoas de família dos presentes...

Pierre Ichac, que fez esta reportagem para «Vaincre», de Rabat, pensa no pai, de 87 anos, que está em Paris...



URBANIDADE

À duas dezenas de anos era quasi certa a pergunta nos exames de história e geografia:

- Quem fez o «Mundo»?
- Quem dirige o «Mundo»?

E aí do aluno que não respondesse, do fundo da sua erudição:

— Quem fez o «Mundo» foi o senhor França Borges e quem o dirige agora é o senhor Urbano Rodrigues...

Examinando que não tivesse esta resposta na ponta da língua, já sabia o que lhe acontecia: ficava reprovado!

Quem escreve estas linhas não conheceu pessoalmente o creador do «Mundo»; mas conheceu — e conhece — Urbano Rodrigues, a quem o «Mundo» passou a obedecer de certa data em diante. Urbano Rodrigues foi sempre, na verdade, um homem mundano. Na política, na literatura, no jornalismo, no corte da casaca, no talhe do pijama, pode justamente apontar-se como um cultor do mundanismo intelectual. Os seus livros, os seus artigos, as suas peças de teatro, as suas próprias frases de bom conversador, vivem, memo sem êle dar por isso, da nota mundana. Cheiram a salão — e a *boudoir*. Reflectem existência citadina, com o seu brilho, a sua efervescência e, não desfazendo, os seus peccados. Razão tinha a condessa de X... ao exclamar naquela tarde em que lhe apresentaram Urbano Rodrigues:

— Sou uma sua velha admiradora, creia. Adoro o mundanismo — e o urbanismo!

A maneira de Augusto de Santa Rita

Ó Papim, pápa a papinha,
A papinha do Papá:
Papinha, pápa de pão.
P... O... Pó e P... A... Pá!

Pápim não pápa a papinha
Papusse pápa o Pápim,
E a papinha é p'ró papão
Com pó de perlím-pim-pim;

O Pápim já pápa a pápa
Papinha, pápa de pão;
Para que o não pape o Papusse
Para que a não pape o Papão...

NUDISMO



órgão dos nudistas universais.

No segundo volume das suas *Memórias* — obra curiosíssima que se lê com deleite e proveito — o general Nortom de Matos, referindo-se ao nudismo africano, escreve: «O nudismo é uma das indicações mais frisantes da pouca civilização e da vida miserável dos pretos das zonas tropicais. Não contestamos. O que gostaríamos de ver era a cara de certos nudistas, de ambos os sexos, que frequentam as praias elegantes ao ler o período em questão! Ou nos enganamos muito ou o sr. general Nortom de Matos terá de haver-se com *A Fôlha de Parra*,

BONS LUGARES



A Romaria de São Torcato que se celebra nos primeiros dias de julho, em Guimarães, rendeu este ano trinta e cinco contos. Números redondos. Por desvalorizado que esteja o dinheiro, trinta e cinco contos constituem, temos de reconhecê-lo, uma pequena fortuna. São Torcato continua a ser para muitos um invejável lugar. Quando Alexandre Braga exerceu o cargo de ministro do Interior foi um dia procurado por um seu amigo e discípulo, companheiro da boémia de Coimbra.

— Dizem-me que o Senhor da Serra se vai apresentar... O lugar é bom. Só a romaria rende vinte contos seguros por ano...

— E então? — perguntou-lhe Alexandre Braga.

— Queria que me nomeássem «Senhor da Serra» quando se der a vaga... Aqui para nós, quem nos dera o lugar de São Torcato!

BANHOS



mo tem morrido muita gente: de porcaria — nunca ninguém morreu».

O nosso querido amigo Dr. Bernardino Pinho, da Direcção Geral de Saúde, anuncia-nos que Lisboa vai ser dotada com vinte balneários nos bairros populares. «Lisboa finalmente vai lavar-se!» — gritarão embaldeirando em arco os homens da higiene pública e privada. A limpeza Deus a ama. O banho não é apenas uma vantagem pessoal: é uma obrigação social. Todos devem lavar-se pelo menos aos sábados — como aconselharia certa Marquesa de que fala Maurice Donnay. E, entretanto, já o afirmava um velho fidalgo: «De tomar banho tem morrido muita gente: de porcaria — nunca ninguém morreu».

SERVIÇO À LISTA



Um sujeito entrou, há dias, num *restaurant*. Pediu a lista. E de lista em punho, disse ao criado:

- Trás-me sôpa de camarão.
- Já não temos...
- Então trás-me pescada cozida com batatas.
- Acabou-se...
- Trás-me então uma costeleta de vitela com esparregado.
- Também se acabou...

Logo o sujeito, pondo o chapéu e preparando-se para sair: — Então trás-me a conta...

ESTANTE GIRATÓRIA



Agradecemos e registamos pela ordem da entrada os três últimos volumes que chegaram à nossa estante: *O Livro do Povo*, versos de António Botto, série de poemas em que o povo canta, chora, ri, sofre e ama pela alma e pela voz dum verdadeiro poeta lírico; *A Morgadinha da Levada*, terceira edição do conhecido romance de Alexandre Malheiro, e cujas páginas o bom Júlio Diniz gostaria de ler; e *A mulher do mau olhado*, espécie de novela ou melhor, de folhetim dramático em que se sente a mão vigorosa e experimentada de Gomes Monteiro, genuíno homem de letras que o jornalismo intenso não matou como a tantos outros.



UMA IGREJA SÓ PARA CRIANÇAS

Ao contrário do que podia supor-se, isto não se passa na América, a terra das originalidades... Não! Passa-se em Inglaterra, onde a preocupação religiosa se levou ao extremo de criar uma igreja exclusivamente para crianças. Construída em Barking-Road, no bairro londrino de West-Hans, esta igreja pretende atrair os seus pequenos paroquianos com processos sugestivos e modernos, entre os quais prospectos distribuídos pelas ruas e uma tabuleta luminosa de grande valor artístico, pintada num vidro translúcido que é realçado por uma moldura.

Tudo ali é feito por crianças. A sacristia do templo, a qual não pode ter mais do que catorze anos, distribui, de entrada, livros com hinos religiosos aos inúmeros pequenos devotos que ali acorrem. Mas é bom de ver que cada livro vai acompanhado por um saquinho de rebuçados. Assim, até as preces se tornam mais doces...



COMO SE FABRICAM OS HOMENS ARTIFICIAIS...

HA bem poucos anos, correu mundo a notícia do aparecimento dum invulgar boneco mecânico, inventado por um engenheiro norte-americano.

Chegou a dizer-se que esse automático era capaz de manejar armas brancas, de lançar granadas, de pôr em acção uma metralhadora e até de possuir o aspecto e os modos dum verdadeiro homem civilizado.

Houve mesmo quem acreditasse que a guerra futura seria feita apenas por automáticos — afinal a desilusão está bem à vista de todos...

Contudo, na fabricação dos chamados «Homens Artificiais» têm-se conseguido resultados surpreendentes. Vancanson e Robert Hondin fabricaram, no século passado, alguns bem próximos da perfeição.

Mas a grande época dos andróides foi, incontestavelmente, a Idade Média, essa misteriosa e estranha Idade Média, onde o teólogo Alberto, o «Grande», realizou o milagre de constituir uma cabeça de bronze que discutia com todos os sábios os temas mais elevados e profundos...

De todas as tentativas para a construção do «homem artificial» totalmente perfeito — se guardou sempre mistério. Sempre, não...

Paracelso excepcionalmente legou-nos no seu «O Arquidoxo Mágico», o segredo de fabricar os «homens artificiais». Aqui transcrevemos esse segredo, com vista aos nossos leitores mais ousados:

«Existe qualquer coisa de verdadeiro na criação dos andróides. Os filósofos antigos discutiram muito a tal respeito: se era possível criar um homem, com o auxílio da natureza e da arte. Eis como se deve proceder para se conseguir um resultado satisfatório: conservar, num alambique fechado, certa quantidade de «esperma viri», na temperatura do ventre do cavalo, durante quarenta dias ou o tempo que for necessário, até que comece a mover-se e a viver; então, terá o aspecto de um homem, embora transparente, e não adquirirá consistência. Se, todos os dias, secretamente, lhe administrarem sangue humano, mantendo-o sempre na mesma temperatura, ao quarto dia estará transformado num menino verdadeiro, com todas as características do ser humano, excepto o tamanho, que será muito mais reduzido. Depois, é necessário muito cuidado, até que compreenda e raciocine...»

Então, leitor amigo, sente-se com coragem para fabricar um «homem artificial»?...

COCKTAIL

Thomas de Quincey

o sábio que comia ópio!



ELE nasceu em 1785, na bela e doce cidade de Manchester, lá nessa Inglaterra distante.

Desde pequeno se revelaram as largas tendências do seu espírito irrequieto. Ele mostrava-se um super-sensitivo e dedicava-se com sófrego ardor aos livros, ao estudo, a tudo que dissesse respeito à vida intelectual.

Contudo, ele era já um espírito rico de contradições inesperadas. E assim, um belo dia, quando se aproximava do final do Curso desistiu dos exames finais da Universidade de Oxford.

Aos 19 anos, Thomas de Quincey toma a sua primeira dose de ópio. Nessa altura, esfriam as suas relações com a família e vai para Londres, fazendo vida de vagabundo.

E mais tarde, ele consegue melhorar o nível da sua vida. A tal ponto que em 1817 resolve casar-se. Tem um duplo objectivo: escrever e ter filhos! São as suas duas maiores ambições...

Sua esposa, Margaret Simpson, desvelada companheira torna-se um anjo tutelar. E os filhos vão nascendo...

De Quincey é obrigado a reconhecer que tem de trabalhar, ganhar o pão de cada dia — pois é ele o sustentáculo de toda a família.

E o homem que tinha largas experiências de comedor de ópio para contar — começou a procura dum editor para as suas «Confissões». Conseguiu de facto publicá-la no «The London Magazine», de Setembro de 1821, ainda que anonimamente. Todavia, em breve se adivinhou quem era o autor dessas desassombradas confissões...

Só depois de morto, porém, como é uso e costume nestas coisas da humanidade, é que se reconheceu o grande e verdadeiro valor de De Quincey.

E sua filha, numa carta escrita a um dos editores, referia-se a ele, neste termos:

«Já lhe aconteceu alguma vez estar às voltas com um homem que é ao mesmo tempo muito sábio e muito louco?»

Sim, Thomas De Quincey foi um sábio. Em todos os sentidos. Só o reconheceram depois de morto. Como reconheceram também que podia tomar, por dia, 8.000 gotas de ópio e sete copos de vinhos espirituosos...

A ARTE DE DORMIR

SEGUNDO afirmam vários entendidos, ninguém conhece a ciência de dormir, declarando que o dormir a horas determinadas, como fazemos, constitui uma prática que não dá o resultado que dela se espera. Os referidos especialistas propõem-se a dividir o dia em quatro partes iguais, com

duas horas para dormir entre cada uma delas, sustentando que dessa maneira o sono é mais profundo, eficaz e renovador, do que quando se dormem horas consecutivas. Em consequência, e de acordo com a nova teoria, o melhor é, em cada seis horas, dispor de duas horas para satisfazer a Morfeu.

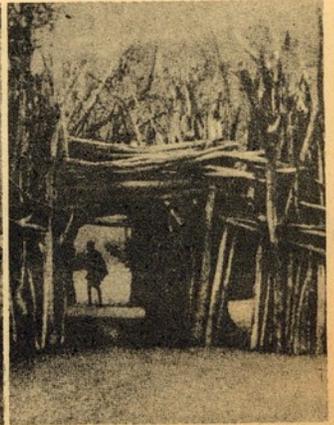
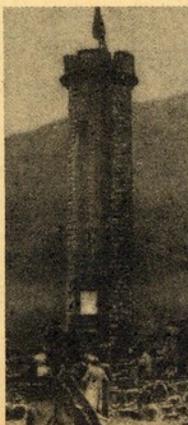
CURIOSIDADES DO MUNDO

1) Este é o mais curioso monumento da Inglaterra. A estátua do príncipe Carlos, em Glenfinnan, posta no alto duma torre que mais parece uma chiminê.

2) Aqui está um futuro hercules: o menino Wallace Gough, de seis meses, fazendo exercícios agarrado a uma bengala, como se tratasse de trabalhos em barra fixa.

3) Um arranha-céus africano, na Nigéria, construído no alto dos grandes troncos.

4) Os negros Masaios também têm uma linha Maginot. Ela está à vossa vista, leitores. E é feita apenas com troncos de árvores...



A lenda das noites de verão

OS tempos mudaram, não resta dúvida. E quando essa transformação se opera em bom sentido, é grave assinalá-la. Assim, por exemplo, o que se está passando com a temporada de verão nos cinemas de Lisboa pertence ao número das evoluções que há muito se impunham, porque o público e os exibidores dela tiram vantagens e proveito.

Cuturra, com efeito, mal Junho começava a luzir no calendário, os empresários das salas escuras remetiam-se a uma prudente defensiva. Faziam um encurtamento de programas (espectáculos iniciados às 22 horas), rectificavam as frentes (limpeza da fachada e encerramento para obras) e preparavam-se para a ofensiva de inverno, reorganizando-se, sob o ponto de vista de material, que então era costume começar a acumular, pausada e pensadamente.

E aí por volta de Julho, Lisboa, sob o ponto de vista de estreias cinematográficas, era uma cidade morta, limitada aos ofícios fúnebres das reposições daqueles filmes doutros tempos, de que muito se jalara em vida...

Todas as tentativas levadas a cabo, contra este estado de coisas, morriam à míngua de incentivo das plateias. Baixavam-se os preços — e a afluência não subia. Estreavam-se dois filmes no mesmo programa — e as receitas diminuíam na proporção. Como alguns opinavam que o mal era o calor, vá de convidar o público a assistir à exibição em mangas de camisa. E sempre o mesmo, o doloroso panorama de espectáculos, em que o número das cadeiras vagas ultrapassava largamente os dos espectadores... Uma sala de luxo lançou este "slogan": Não há verão nem há inverno — há apenas bons filmes no cinema «X». Mas ou porque os filmes não fôsem realmente de qualidade, ou porque a boa vontade da Empresa excedesse as realidades da afirmação, tudo se quedou como dantes, com o mesmo ar desolado da terra ressequida e ávida de chuva...

Este ano, porém, as coisas mudaram. A semana de reposições da «Metro» esgotando a lotação com 36 graus à sombra, as setenta e duas luas de mel, ao longo de seis semanas no Eden; o triunfal acolhimento do público aos «Comandos atacam ao amanhecer»; as enchentes sucessivas e totais da «Menina da Rádio» — constituiram, de facto, uma autêntica revolução na calma pódre do verão cinéfilo lisboense. E verifica-se isto: quando o espectáculo interessa, não há calor, nem frio, que altere a temperatura da bilheteira. E os cinemas estão cheios, a despeito da Feira, das esplanadas da Avenida, dos combóios domingueiros a abarrotar e das corridas de touros para milionários...

A prova, que durante anos e anos não houve a coragem de fazer — estreiar, no verão, filmes de inverno — é concludente. Não queremos dizer evidentemente que os primeiros calores não tenham influência, não desnor-teiem o público, não o tornem mais exigente em matéria de filmes, até porque surgem as diversões de verão, a concorrer em atractivos. Mas os bons espectáculos suportam essas variações, sem prejuízo de maior, e beneficiam, por sua vez, da circunstância de se destacarem, pelo facto do espectáculo nas telas da concorrência ter entrado normalmente em crise de super-produções.

O caso é que o verão de 1944 vai ser decisivo, como orientação geral do negócio cinematográfico. Tanto assim que nos consta estarem várias firmas interessadas em manter, na próxima época estival, estreias de categoria, de molde a interessar o público.

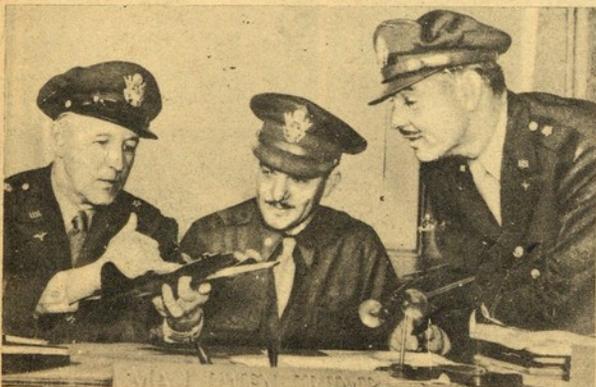
Parabéns aos cinéfilos que não se importam de suar as estopinhas para ver um bom filme — parabéns a todos aqueles que, forçados a quedar-se em Lisboa, jejuavam cinematograficamente durante o defeso, antes que os nossos cinemas dessem, lá para o fim de Setembro, o primeiro «tirinho» tímido da temporada...

FERNANDO FRAGOSO

CLARK Gable, que durante muitos meses voou sobre a Europa, como artilheiro de uma «Fortaleza Voadora», e tomou parte em arriscadas acções que lhe valeram a medalha de mérito militar, regressou a Hollywood, com abundante material cinematográfico, registado, pelas câmaras automáticas, durante esses «raids». Actualmente, realiza filmes de instrução para os pilotos-

aviadores, pondo à prova, simultaneamente, a sua sensibilidade de cineasta e a experiência que colheu em diversas provas.

Vêmo-lo aqui, com o Coronel William Keighly e o Major Owen Crump, das Forças Aéreas dos Estados Unidos, a estudar, sobre a respectiva esmaquettes, um novo modelo de aviões.



BETTY Grable acaba de ser proclamada a favorita do Exército americano. Segundo refere um jornal ne Nova York, o inquérito feito às casernas revelou essa preferência, de forma esmagadora. Como sabem, os soldados recortam, das publicações, os retratos com que enfeitam as paredes, junto às tarimbas, nas tendas e acampamentos.

Pois Betty Grable, entre cada dez, figura oito vezes!

A mais recente mamã da Cinelândia casou-se, como sabem, há pouco tempo, com o chefe de orquestra Harry James.



«ALLO, MADRID! AQUI, LISBOA»

Um novo filme hispano-lusitano?

OS jornais espanhóis, em telegrama de Lisboa, publicaram há dias a seguinte notícia, que damos tal qual, para não perder o sabor: «Se dice que Arturo Duarte va a rodar una película de ambiente hispanoportugués titulada «Aló, Madrid; aquí, Lisboa», basada en un asunto de Juan Bastos. Tomarán parte en dicha cinta artistas españoles y portugueses.»

Sabedores de que Arturo Duarte ia partir novamente para Espanha, corremos à estação do Rossio. E foi ali, já com o pé no estribo, que o interrogámos sobre o assunto.

— A notícia — começou ele — embora tenha um fundo de verdade, é prematura. Em primeiro lugar, estou apenas a estudar a viabilidade do negócio que me foi proposto. Daí até entrarmos propriamente nas filmagens — vai um mês. E é para ver, justamente, qual a distância entre os desejos e as realidades, que regresso novamente a Espanha.

— Mas há, de facto, um argumento de João Bastos, com o título referido pelo jornal espanhol?

— Há apenas uma ideia base, que o autor da *Menina da Rádio* imaginou, dentro do espírito que orientará a produção. Mas tudo é provisório, a começar no título, que nem sequer lhe escondo ter sido sugerido por uma fita franco-germânica, que já correu nas nossas telas.

Como sabe, nestas coisas de cinema há que partir duma ideia e de um título! O resto vem depois.

— Tem esperança no acórdio que vai celebrar?

— Perdão! Não caminemos tão depressa. Por ora, vou estudar apenas a proposta recebida. Mas não vejo razões para descreir da película. De resto, o facto de regressar a Madrid, vem em reforço das suas possibilidades.

— Quem são os artistas indigitados?

— Para que havemos de pensar nêles, desde já?!...

— Fala-se na Maria Eugénia, na Teresa Casal, no Oscar de Lemos, no Curado Ribeiro...

— Sim!... É possível!... Mas diga-me uma coisa: Porque não guarda a entrevista para a volta?! Porque terei então coisas positivas a dizer...

É mesmo que Arturo Duarte não pusesse ponto na conversa, o chefe da estação, dando o sinal da partida, teria feito o mesmo, de forma indiscutível...

Um filme com seis horas de exibição!

«E tudo o vento levou» tinha nada menos do que três horas e cinquenta minutos de exibição. E, a despeito da sua qualidade excepcional, dir-se-ia não mais acabar...

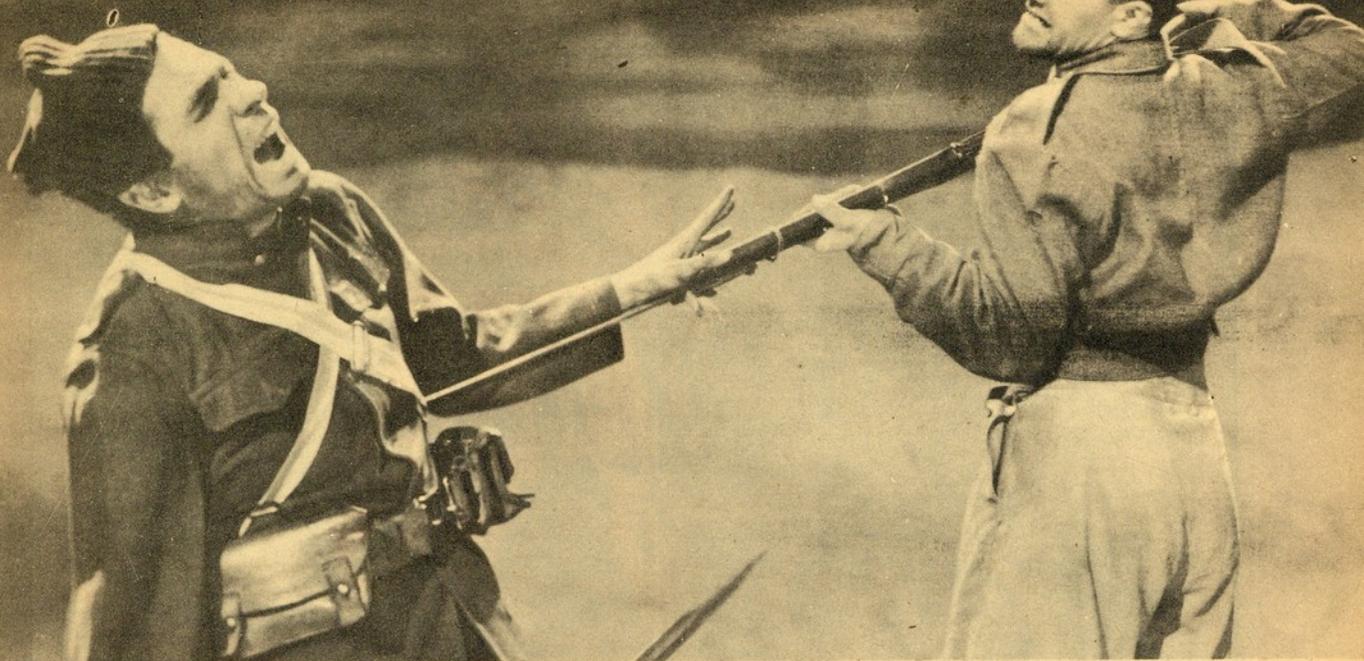
Fois saibam quantos nos lêem que Hollywood está a produzir um filme cuja exibição demanda nada menos de seis horas — reparem bem: seis horas! — ininterruptas. Verificada a impossibilidade de o apresentar numa única sessão — a resistência humana tem limites! — ainda não se sabe se o filme será dividido em duas jornadas, como «Olimpíadas» por exemplo, ou se se tentará condensá-lo dentro de uma metragem equivalente à de «Gone with the Wind».

O assunto desta película é nem mais nem menos do que a História da América, desde o nascimento da nação, até os nossos dias.

Dentro de dois anos Lisboa terá mais um grande cinema!

DESTA vez, é verdade. Vão finalmente iniciar-se ou, melhor, prosseguir, nos terrenos da Praça Duque de Saldanha, as obras para a construção de um grande cinema, que se chamará «Monumental». Resolvidas as dificuldades burocráticas que se opuseram à aprovação do projecto, tudo indica que, agora, nada interrompa a construção, uma vez iniciada. E, assim, na temporada de 1946-47, Lisboa terá, em pleno coração das Avenidas Novas, mais uma grande sala de estrelas.

Quando as munições acabam...



"A PATRULHA DO DESERTO"

Quando as munições acabam...



O sargento Watson dispunha a sua pequena tropa para o ataque...



O fortim estava cercado... mas era preciso vender cara a vida!



— Acabaram-se as munições, meu sargento!



CAMARADA!

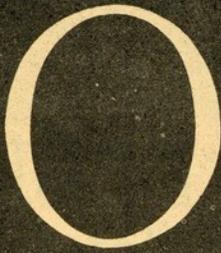
Os ingleses têm um talento especial para os filmes de guerra. Nenhum outro cinema sabe, como o britânico, dar aquela verdade convincente que deve ser a primeira qualidade desse gênero de espetáculo. E isso talvez pelas qualidades inatas do grande povo: a fleugma, a simplicidade e o fundo de honestidade que é a principal virtude da raça. Diante da objectiva, os actores ingleses actuam com o mesmo calmo heroísmo com que se comportam nos campos de batalha. E heroísmo não é aqui um termo descabido, pois nos bons filmes de guerra, como se sabe, os fogos são reais...

Uma das mais extraordinárias produções da espécie que deu «Sangue, Suor e Lágrimas» e próxima parente de «Vitória no Deserto», é o filme «Nine Men» que, sob o título de «A Patrulha do Deserto», a Nova Organização dos EXCLUSIVOS TRIUNFO apresenta simultaneamente no «Odeon» e no «Palácio». É a grande aventura de 9 homens perdidos na imensidade das areias, a braços com um inimigo nove vezes superior, vivendo o drama da sede e da falta de munições — mas disposto a vender cara a vida. Algumas passagens são do melhor que se tem visto: há uma carga de baloneta que é um pedaço de realismo como raramente se tem encontrado nos filmes de guerra até hoje apresentados em Portugal e que dá, na sua crua nudez, toda a monstruosa ferocidade da luta corpo a corpo, o recurso de quando as munições acabam...

A amenizar esta impressionante visão do drama que há 5 anos vem abalando o mundo, estreia-se no mesmo programa um amável filme de mistério, passado nos meos alegres do Paris de antes da guerra. «Cafe Colette», com belas mulheres e lindas canções.



«CAFE COLETTE» — ou o alegre Paris de antes da guerra...



VINHO DO PORTO

tem o
sêlo de garantia



DO INSTITUTO DO VINHO DO PÔRTO

VEJA SE DESCOBRIR...



ESTAS duas fotos representam duas condenadas americanas. Uma delas matou duas crianças que estavam à sua guarda, para se apoderar das correntes de ouro que as crianças possuíam. A outra foi acusada de ter envenenado o marido, mas continua a jurar a sua inocência. O leitor será capaz de deduzir qual é a foto da assassina e qual é a foto da envenenadora? Por quê?

(Ver resposta no próximo número).

CORRESPONDÊNCIA

MANUEL H. DA ROCHA — Pôrto — O senhor pode ter pensado que foi um bom repórter... De facto, acertou no criminoso. Mas, isso não chegou para a sua dedução nos satisfazer. Faltou indicar a prova máxima, ou seja, demonstrar que Tracy segurando nas penas de pombo nunca poderia ter empunhado o revólver...

Aproveitamos a ocasião para fazer o mesmo esclarecimento a outros solucionistas que incorreram precisamente, no mesmo erro.

MANUEL DO CARMO PERES — Lisboa — Bem vê, não posso responder nesta secção a todos os concorrentes que não enviam soluções exactas... Aliás o senhor só errou na primeira solução que nos mandou.

«PHILO VANCE» — Setúbal — Gosto sempre dos leitores que fazem judiciosas considerações, acerca destes problemas. E, para mim, a melhor prova, de que lhes interessa a secção. Por isso li, com cuidado, as suas observações. Mas lembre-se: estava escrito no enunciado que Tracy tinha as penas seguras entre os dedos. Que mais necessitava? Ver isso na fotografia, para quê?

Quanto ao revólver, a conclusão teria de ser esta: ou ele segurava o revólver ou as penas. E ele tinha as penas entre os dedos...

SAPLEX — Maceira-Liz — Tem razão. O engano foi da redacção. Não tem nenhum homónimo alfacinha, senhor «Sapex» provinciano.

A. F. DA COSTA E CASTRO — Pôrto — O meu amigo, não tem que pedir desculpa. Estou sempre às suas ordens.

HENRIQUE FERNANDES — Estremoz — O senhor não tem sido feliz nas suas deduções. Mas imaginação não lhe falta!

REPÓRTER MISTÉRIO

O Livro do Momento

**A PRIMEIRA ALIANÇA
PORTUGUESA**

Por RAFAEL MARÇÁ



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7

O inspector Frost notou imediatamente três pormenores valiosos na folha de papel:

1. — Era muito grande (como se pode ver, comparando com o tamanho da carteira de fósforos).

2. — Fôra escrita por uma pessoa inculta e daí os erros ortográficos.

3. — A folha de papel não estava dobrada nem amachucada, o que sucederia, sem dúvida alguma, se tivesse sido tirada duma algibeira.

Assim ele viu que Evelyn mentia quando afirmava que um dos homens tirara a folha da algibeira. E esse erro fundamental levou-o a deduzir que Evelyn era cúmplice dos raptadores.

De facto, interrogada habilmente, Evelyn confessou que ela própria escrevera a nota de resgate e ajudara a raptar o bebé. Depois, tinham-na amarrado para levantar suspeitas.

E Evelyn acabou por revelar onde estava escondido o bebé Mortimer...

Quadro de mérito policial dos solucionistas do problema n.º 6

(Por ordem alfabética)

MÉRITO ABSOLUTO

- (2) Alberto de Oliveira, (Lisboa).
- (4) Alberto Machado Saraiva, (Monte Estoril).
- (1) António Pisco da Silva, (Lisboa).
- (3) Carlos Plácido de Sousa, (Lisboa).
- (1) Detective Azelhudo, (Lisboa).
- (1) Filipe de Aguiar, (Foz do Douro).
- (2) Henrique Fernandes, (Estremoz).
- (1) Ivone Costa, (Lisboa).
- (1) Manuel do Carmo Peres, (Lisboa).
- (4) Manuel Pereira Soares, (Macedo de Cavaleiros).
- (1) Rómulo, (Lisboa).
- (3) Simara, (Lisboa).
- (5) Ziterba, (Lisboa).

MÉRITO RELATIVO:

- (3) Agente Inginho, (Lisboa).
- (2) A curiosa Lili Maia, (Figueira da Foz).
- (1) Alberto de Penamacor, (Coimbra).
- (4) Amador X (Lisboa).
- (1) António Caetano Nora, (Matosinhos).
- (3) Artur Varatojo, (Lisboa).
- (5) Israel Ferreira, (Lisboa).
- (6) João Alberto Gouveia, (Lisboa).
- (1) Kokabichinhos, (Pôrto).
- (5) Leiria Dias, (Lisboa).
- (1) Love's Queen, (Maceira-Liz).
- (2) Maria Julieta Patrício, (Covilhã).
- (1) Mário Claro da Silva, (Pôrto).
- (2) M. S. A. (Coimbra).
- (5) Natércia Leite, (Lisboa).
- (3) O Falcão, (Pôrto).
- (1) «Philo Vance», (Setúbal).
- (3) Repórter X..., (Lisboa).
- (2) Rodavias, (Lisboa).
- (3) R. P., (Lisboa).
- (2) Sapex, (Maceira-Liz).
- (2) Scharco, (Alcobaça).
- (2) Teimoso n.º 1, (Loulé).

Notas — Os solucionistas de Mérito Absoluto provaram quem era o criminoso e deduziram a possível cumplicidade de Wanda. Os de Mérito Relativo apenas apontaram as provas de acusação contra Anton Kuhén.

Os algarismos entre parêntesis que antecedem os nomes, indicam o número de vezes que eles têm figurado neste «Quadro de Mérito», ou seja a número de problemas que solucionaram bem.

MISTÉRIO E AVENTURA

PROBLEMA N.º 8

A morte da pesquisadora de ouro

Um aviso, devemos fazer aos nossos prezados solucionistas: não basta acertar no criminoso, é necessário apresentar as provas de que ele é o culpado. Ou, pelo menos, as suspeitas...

Isso precisamente nem sempre tem acontecido. E assim, bem contra-vontade, sentimo-nos forçados a rejeitar muitas soluções do problema n.º 6, porque a essas soluções faltava a prova fundamental...

Esperamos que de futuro as deduções sejam mais completas. Aliás, temos de felicitar alguns — e são já muitos... — dos nossos fiéis solucionistas pela sua apurada perspicácia e pelos seus inteligentes raciocínios. E vamos a ver quem descobre o mistério da morte da pesquisadora de ouro. As respostas podem vir até ao próximo dia 26 de Julho.



1 Quando o inspector Cobbe chegou à sede da Corporação da Polícia para ajudar a deslinhar a misteriosa morte de Molly Wiltred, um oficial informou-o, sorrindo: «Creio que veio tarde. Hoje mesmo descobrimos o barrêto do assassino perto do local do crime. De modo que já prendemos o criminoso!». E passou às mãos do inspector Cobbe um barrêto de serviço militar onde se viam bem limpas e nítidas as iniciais A. A.

2 «Como se passou isso?» — perguntou o inspector. Então, o oficial esclareceu: «Foi um lavrador que encontrou hoje de manhã este barrêto perto de «Perry Woods», onde se deu o assassinato. Como deve lembrar-se, Molly Wiltred foi assassinada entre as nove e as dez horas da noite de 10 de Maio. Viram-na pela última vez entrar para o bosque com um soldado...»



3 Diante do silêncio de Cobbe, o oficial prosseguiu: «As tropas acamadas no arrabalde acham-se perto do bosque. De investigação em investigação, acabámos por suspeitar apenas de Al Archer e de Ben Everet, dois soldados que eram amigos da rapariga e esperavam ser ainda mais amigos dela. Nenhum deles soube explicar o que fez das nove às dez horas da noite do crime...»

4 Cobb perguntou simplesmente: «E como descobriram que Archer era o criminoso?». O oficial sorriu: «Ele é um desordeiro. Está preso desde o dia 12 de Maio por insubordinação. E além disso não conseguiu explicar a presença do barrêto no local do crime. Acuso-o de homicídio voluntário. Está de acordo comigo?». O inspector Cobbe limitou-se a dizer: «Oiga a minha dedução...».

Qual foi a dedução do inspector? Quem acusou ele?

(Leta a solução no próximo número).

Cais do Sodré — 1915

I

O Cais do Sodré é, desde tempos remotos, um viveiro de estrangeirada. Embarcadouros de todas as raças, falando os idiomas mais diversos, por ali têm passado. Os seus «cafés» e «bars» estão sempre povoados de homens estranhos, que de Lisboa quasi não conhecem sendo aquela praça e imediações. Talvez receiem afastar-se muito do mar e dos navios; e daí sempre se avista uma nesga luminosa do rio e o vulto dormente de algum barco nostálgico.

Por ocasião da outra Grande Guerra, eu fui um frequentador assíduo do Cais do Sodré. Os «cafés» «Royal» e «Londres» (este já desapareceu) eram os meus poisos predilectos. Almoçava e jantava por lá e deixava-me ficar pela noite adiante de palestra com todo o «bicho-carêta» que me aparecia.

Diga-se de passagem, que a minha assiduidade naqueles sítios tinha um objectivo preciso, prático: desembaraçar-me no maneio de alguns idiomas estrangeiros, nomeadamente, o francês, o inglês e o alemão. Acompanhavam-me então dois camaradas muito queridos, velhos condiscipulos que se transformaram em grandes amigos pela vida fora: o Rinaldo Ferreira, que mais tarde seria o «Repórter X», e o Armando Portela, filho do Almirante Angelo Portela. Ambos já desapareceram para sempre na idade em que a vida tem mais sabor!

O Rinaldo, já muito ocupado com projectos literários, era menos assíduo do que eu e o Portela. E este foi o único que alcançou plenamente o seu objectivo, porque chegou a exprimir-se em francês, inglês, alemão e espanhol com tanta facilidade como em português. Eu já esqueci quasi tudo o que aprendi. Resta-me agora, em qualquer dessas línguas, o bastante para pedir de comer, de beber e pouco mais. E, no entanto, considero o Cais do Sodré a mais profunda e proveitosa lição de minha vida.

No quadrilátero exiguo daquela praça de uma cidade pacata como Lisboa, eu aprendi a conhecer a Humanidade. Era uma janela da qual me debruçava ansiosamente sobre o mundo e sobre o coração dos homens. Lidei com japoneses e chineses, alemães e australianos, ingleses e gregos, norte-americanos e holandeses e brasileiros, argentinos, italianos, espanhóis e argelinos e «tutti quanti». Gente de todas as feições e todas as cores!

Aprendi-lhes as manhas, os «tics» particulares de raça ou de povo, os ódios insensatos que os separavam, os interesses mesquinhos que os ligavam, os sonhos que sonhavam e as amarguras que sofriam. A mesa de um «café» ou junto do balcão de um «bar», na minha inocência dos quinze ou dezasseis anos, revelou-se-me todo este mundo. Aquelles homens errantes, fismados uns, louros e rosados outros, ou pretos como breu, falaram-me das suas cidades e das suas aldeias, dos pais e das noivas, dos filhos pequeninos, das casinhas pobres, das suas montanhas nevadas ou das florestas tropicais. E tudo aquilo eu escutava com avidez e guardava no coração.

Muitos desses homens nunca mais os vi. Outros voltaram uma ou outra vez. Dessa gente hoje não me resta, perto de trinta anos volvidos, sendo a saudável recordação. Partiram todos, mas do seu breve convívio ficou-me uma lição admirável de tolerância, simpatia e compreensão humana.

Agora que outra Grande Guerra lançou os homens como feras uns contra os outros, eu pergunto a mim mesmo, se esses homens tivessem tido ensejo de se conhecer como eu os conheci numa pacata praça aberta a todas as raças, seriam capazes de se exterminar com tanta sanha.

Aho o Cais do Sodré pela inolvidável lição de fraternidade que me deu. Que será feito dos meus amigos ingleses, alemães, austríacos, franceses e americanos do tempo da outra Grande Guerra? Esta pergunta, que faço a mim mesmo quando por ali passo, enche-me de uma grande melancolia.

MÁRIO DOMINGUES

FIGURAS DA SEMANA

DR. JOAQUIM MANSO



Quando o senhor dr. Joaquim Manso envia aos portugueses as suas mensagens de um alto e profundo pensamento e espiritualidade, todos nós — pelo menos os que ainda cremos na vida do espirito e nas razões morais que o cérebro dita ao mundo — sabemos desde logo que as suas palavras são portadoras, precisamente, de uma comovente expressão de beleza e de triunfo do homem sobre tudo o que parece negar-se no nosso tempo, como idealismo e consubstanciação de formosura espiritual. O seu último trabalho é, precisamente, um intencional toque a reunir, uma convocação para um regresso à vida do espirito ou, pelo menos, um convite amável a uma vista de olhos às fontes do passado, donde se desprendem tantos motivos de lirismo, romântica fisionomia do mundo e imagens de beleza desprezada, tanta vez, pela gente do nosso tempo. E ao fazê-lo, a chamar os portugue-

ses, o dr. Joaquim Manso fê-lo como só ele seria capaz: num estilo leuissimo de esperanças a moldar a oração sapiente do pensador e do esteta.

LUIZ JORJAZ TRIGUEIROS



Por nomeação do sr. ministro da Educação Nacional, Luiz Forjaz Trigueiros passou a fazer parte, como vogal, do Conselho de Lectura do Teatro D. Maria. O convite constitue homenagem às excelentes qualidades de Luiz Forjaz Trigueiros, escritor e jornalista do mais nítido valor, entre quantos dos novos hoje escrevem. Além disso, Luiz Forjaz Trigueiros, nosso prezado colaborador, de há muito que vinha assinando críticas de teatro em diários e semanários — e porque escreveu sempre com espirito de compreensão e de justiça, não fêz supor um elemento de valor para o lugar que acaba de ocupar.

NOTAS RÁPIDAS



O sr. general Carmona, com sua esposa, assistiram, há dias, ao concerto realizado no Estufa do Parque Eduardo VII em benefício de obras religiosas. Aparte a excelência da interpretação musical, a organização valeu como lindíssimo espectáculo visual, empestado, principalmente, pela graça do ambiente.



No Circulo Eça de Queiroz, procedeu-se à distribuição de prémios concedidos pelo S. P. N. Foi durante uma festa de arte e de elegância, a que António Ferro presidiu, que cada um dos concorrentes recebeu o livro ricamente encadernado e, dentro, a carteira com a importância do prémio. Na foto, vemos Elaine Sanceau, agradecendo a António Ferro a distinção que lhe foi conferida.



A bordo do «Serpa Pinto» seguiu para Lourenço Marques o sr. Cardeal Patriarca, representante do Papa, e que vai fazer a solene inauguração da catedral da capital moçambicana. Sua Eminência viaja com todas as honras inerentes à sua alta função de chefe da Igreja em Portugal, tendo-lhe sido prestadas homenagens e apresentados cumprimentos oficiais. Na foto, está o sr. D. Gonçalves Cerejeira quando pronunciava, no cais, o seu breve discurso de despedida.



Antes de regressar ao Brasil, América Bria, uma figura marcante da colónia portuguesa naquela grande república sul-americana, e um dos valiosos elementos da importante organização comercial e industrial da Casa Seabra, foi alvo de significativas homenagens, devendo, entre todas, salientar-se o almoço que o sr. Alfredo Pinto lhe ofereceu, e a que estiveram presentes os srs. drs. Joaquim Manso, João de Barros, Norberto Lopes, Paula Brito, António Luis Gomes e Ary dos Santos.

De um recanto de Meinedo

O primeiro vulto vivo da República,

Dr. Duarte Leite, fala às modernas gerações da política do seu tempo

MANHA cedo, deixáramos o Porto a caminho de Penafiel. Da cidade de Penafiel à aldeia de Meinedo, são 16 quilómetros de estrada. E ali que vive hoje, isolado, um homem ilustre: o antigo professor catedrático Doutor Duarte Leite, ministro, embaixador e presidente do Conselho da República.

Meinedo, na linha do Douro, é Minho puro. E o Minho é a província mais bela e graciosa de Portugal. Ali, na Quinta de Vila Pouca, patriarcal, frondosas ramadas de vinha e floridas rosas no sopé das videiras, recanto paradisíaco incomparavelmente belo, é hoje a residência efectiva do Presidente do terceiro Ministério constitucional da República, embaixador, de Portugal no Rio de Janeiro durante cerca de 17 anos e notável historiador, autor dos livros de relevo raro, «Acérra da Crónica dos Feitos da Guiné» e «Coisas da Vária História».

O embaixador Duarte Leite não está em casa. Nesse domingo, o antigo e eminente homem público, fóra almoçar com os juizes de Marco de Canavezes e concelhos circunvizinhos, à Quinta de Meinedo, propriedade de família da sua amizade, onde o motorista do ilustre diplomata se prontifica a conduzir-nos.

O senhor doutor Duarte Leite, gentilíssimo, acede, prontamente, a receber-nos. O antigo embaixador de Portugal no Rio, alto, forte, aprumado, esguio, é uma insinuante figura de portugueses. Momentos após, sentados lado a lado, dissermos-lhe, da nossa parte, ao que iam: obter um depoimento bem claro sobre a sua actividade política no passado e sobre as suas crenças ideológicas no presente.

O senhor doutor Duarte Leite tem um movimento de espanto. A sua figura bela desenha-se-nos, num recorte, em toda a sua nitidez: face bem modelada, olhos vivos, luminosos, vasta cabeleira, duma alvura completa, como a atestar os seus oitenta anos, a completar num dos dias do próximo Agosto.

Mas este homem extraordinário

está fisicamente belo: os anos parecem ter-lhe moldado a sua bela figura física.

A sua attitude pessoal e política tem uma singular semelhança com a de Alexandre Herculano, que se isola em Vale de Lobos, arando a terra para se esquecer dos homens e da política do seu tempo. A ambos arrebatava a paixão da História, e a Duarte Leite, como a Herculano, os louvores não são regateados, pelos profundos, incisivos e sérios estudos feitos à época dos Descobrimentos portugueses.

Republicano desde menino e moço, ajudando de corpo e alma a implantar a República, Duarte Leite não deixou de acreditar nos princípios nem apostatou da sua fé, antes a revigorou através de todas as vicissitudes, conservando hoje a crença que é a mesma crença do ideal com que desabrochou para a vida.

Esta sua frase, dita ao perguntarmos-lhe se sempre fóra republicano, é uma legenda: «Desde os 15 anos, sempre fui republicano e ainda sou republicano».

A República, para Duarte Leite, constituiu sempre um acto de fé de transcendente realismo. Ao constituir-se, em 1911, o primeiro Ministério constitucional da República, sob a presidência do vigoroso panfletário e republicano de 31 de Janeiro, João Chagas, Duarte Leite assumiu a pasta das Finanças. Seria o segundo Ministério da República, presidido pelo doutor Augusto de Vasconcelos. O terceiro havia de ser presidido por Duarte Leite, que nele sobraçaria, além da Presidência, a pasta do Interior. Estava na presidência da República a figura moral de Manuel de Arriaga. Fóra em Junho de 1912 que Duarte Leite constituiu Ministério. Afonso Costa, chefe do Partido Democrático, e António José de Almeida, chefe do Partido Evolucionista, decidiram partir para a Suíça, em gózo de curtas férias. Estes primeiros tempos da República decorriam agitados. Por vezes, estalavam greves e explodiam bombas. Paiva Couceiro agrupara à sua volta,

em terras da Galiza, numerosos combatentes monárquicos, com os quais investira contra Chaves, enquanto partidários seus, no interior, com o Padre Domingos Cabeceiras, faziam o levantamento das terras de Basto. E no período do governo de Duarte Leite que tudo isto se passa, e os réus de rebelião presos são julgados e condenados. A poucos dias da queda do seu gabinete, no final de Dezembro de 1912, Manuel de Arriaga representa uma mensagem ao seu Presidente do Conselho no sentido de amnistiar os presos monárquicos. Retinido o gabinete sob a presidência de Duarte Leite, este pode comunicar ao Chefe de Estado que foi decidido, por unanimidade, não transigrir perante os ataques feitos ao novo regime, porque gesto tão magnânimo podia o adversário torná-lo como fraqueza.

Entretanto, António José de Almeida e Afonso Costa haviam regressado do estrangeiro, e este último preparava-se para impor ao país a ditadura do partido democrático, que ele próprio chefiaria.

Foi, por assim dizer, sob esta ameaça, que o doutor Duarte Leite abandonou o cargo de embaixador de Portugal no Brasil, trocando assim, duma vez para sempre, a vida política pela carreira diplomática.

O senhor doutor Duarte Leite pretende negar-se a uma entrevista:

— Fujo da publicidade — diz-nos com um sorriso — e de jornalistas curiosos. Não me presto a entrevistas, e muito principalmente se estas são relativas a factos de há poucos anos e a pessoas vivas. Adoptei esta norma defensiva desde que certo jornalista publicou uma suposta entrevista minha que não passava de fragmentos duma conversa desprevenida com alguns visitantes da embaixada no Rio de Janeiro: foi um abuso de confiança, agravado com desagradáveis deturpações do que ouvira...



Um dos mais recentes retratos do Embaixador Duarte Leite.

Mas, em face da nossa insistência, o senhor doutor Duarte Leite acede ao nosso pedido, não podendo pela nossa parte evitar o tom de reserva com que por vezes nos falou, e que nós temos de respeitar, nem a concisão que sempre usou nas respostas, às perguntas que, em forma de interrogatório, lhe apresentamos:

— Porque razões deixou V. Ex. a presidência dum Ministério e a política, para ocupar a embaixada de Portugal no Brasil? E, por que razões, mais tarde deixou a política e se recolheu a Meinedo para se entregar mais acentuatadamente à história dos descobrimentos portugueses? A longa e distinta experiência que representa a vida política de V. Ex. é segura garantia da serena claridade com que poderá hoje considerar os homens e os princípios. Assim, houve entre os princípios em teoria e a sua aplicação na prática, qualquer divergência, isto é, teve desilusões, V. Ex. que ajudou a implantar a República?

Eis as respostas:

— Quem é que não espera desilusões? Sou republicano desde os 15 anos, e nos oito que precederam o advento da República trabalhei activamente para o apressar. Constituí, nesse intervalo, numerosas comissões municipais republicanas, no norte do país, sobre as quais se formou boa parte do partido democrático. Pela minha mão, entraram os doutores Afonso Costa e António José de Almeida na comissão de Coimbra, e nas outras muitas dos futuros parlamentares da República. Em 1910, a maioria pensante dos portugueses desejava-a e depositava muitas espe-

(Continua na pág. 16)



Quando António José de Almeida visitou o Brasil, foi-lhe oferecido um almoço por estes antigos estudantes de Coimbra. A direita do falecido Chefe do Estado, está Duarte Leite.



Gago Coutinho e Sacadura Cabral tinham concluído a travessia do Atlântico pelo ar. Duarte Leite acompanhou os dois gloriosos aviaadores ao Palácio do Catete, em visita de cumprimentos ao Chefe do Estado brasileiro.



É nesta casa recolhida e austera, celhas e sólidas paredes do patriarcal lar português, que vive hoje, em Meinedo, o mais antigo dos primeiros republicanos portugueses.



Um grupo de família, feito às portas da embaixada de Portugal, no Rio de Janeiro — uma construção monumental erigida pelos portugueses e oferecida ao Estado, quando era embaixador Duarte Leite.

V
I
S
I
T
E
M



As super-marcas de perfumaria VIREL e EGLON expõem os seus produtos no «Stand» n.º 20 do primeiro Rossio da Feira

OS MELHORES



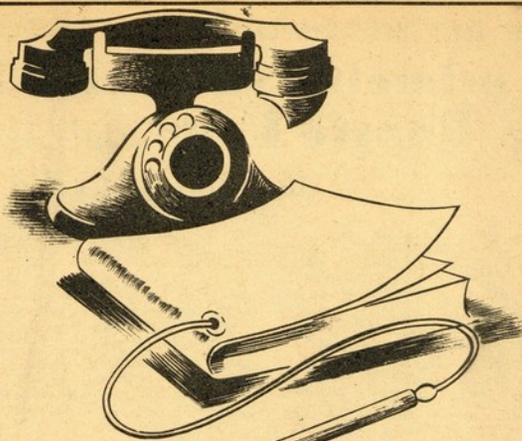
Uma exposição de tecidos na Feira Popular. Os armazéns LANALGO, Rua de Santa Justa, 42, apresentam lindíssimas novidades para a estação.

''S
T
A
N
D
S''
DA

FEIRA POPULAR



Um aspecto do «Stand» das máquinas de costura HUSQVARNA. Uma maravilha da indústria sueca. Venda aos melhores preços e a prestações durante a Feira



Tome nota! 21368

é o número do telefone dos ateliers gráficos

BERTRAND (IRMAOS), L.^{DA}

OS MAIS COMPLETOS NO GENERO

BERTRAND (IRMAOS), L.^{DA}

TRAV. DA CONDESSA DO RIO, 27 - LISBOA

O AMADOR DE MÚSICA
não dispensa:



Uma coleção de discos das obras que mais lhe agradam. Um Discofone automático que lhe permita ouvir a música que quiser, quando quiser.

O novo discofone com mudança automática de 8 discos grandes e pequenos

permite a audição ininterrupta dum programa organizado a nosso gosto.

45 minutos de música sem qualquer interrupção

Visite-nos e gostosamente faremos a demonstração

Est. Valentim de Carvalho

R. NOVA DO ALMADA, 97

CONCURSO PARA LOCUTORES

Por causa de D. Aurea e do Olavo 200 pessoas estão em luta...

N o «hall» da Emissora estão patentes umas cinco folhas de papel dactilografado, repletas de nomes, desde o A ao Z. Nada menos que duzentos. Duzentos candidatos ao concurso de locutores para a Emissora Nacional. As vagas é que não são tantas. Duas apenas. Por isso, todos aqueles rapazes e raparigas que passeiam pelo «hall», pelos corredores, pelas salas, estão pálidos, nervosos, excitados. Duzentos concorrentes para duas vagas. A luta vai ser medonha — e sem esperanças.

O concurso é, repare-se bem, de carácter particular. Os dois vencedores, depois de tóda esta embrulhada, ficam unicamente como estagiários, com um ordenado que não é nenhuma ucharia, antes pelo contrário. Depois, um dia, um dia de qualquer ano, quando surgirem vagas, será aberto novo concurso a que concorrerão estes dois e mais os reprovados e sabe-se lá mais quantos mil. Coisas da vida...

SE NÃO FOSSEM ELES...

Duzentas raparigas e rapazes estão às turras uns com os outros, em busca daquelas duas vagas. Quasi podíamos dizer que os «culpados» desta sangrenta briga são a D. Aurea Batalha Reis e o Olavo de Eça Leal que se lembraram de pedir a demissão de locutores para navegarem em outras águas. Já sabiam que o Olavo deixou crescer um lindo bigode e vai fazer cinema? Será o principal intérprete masculino do primeiro filme da Cinelândia, uma alta comédia cuja acção se desenrola nos princípios deste século. (Isto ainda é segrêdo...)

VOLTAM PALIDOS...

As provas são individuais. O contínuo vai fazendo a chamada. Alguns nomes são nossos conhecidos.

Os candidatos entram na cabine, mas, antes disso, no corredor, detam uma olhadela pelo vidro e vêem o júri, sentado à volta de uma mesa, a que os irá ouvir e julgar. Lá estão o engenheiro Silva Dias, Silva Tavares, Dr. Moura e Sá, Pedro Prado, engenheiro Leote e o engenheiro Vieira, do som.

Depois, o candidato senta-se a uma mesinha, diante do microfone — e pronto, começa a prova: leitura de

uma palestra, leitura de noticiário, um improviso sobre um tema dado no momento, leitura de um trecho em inglês, outro em francês e, ainda por cima, leitura de uma estância dos Lusíadas. No meio da prova, o concorrente fala ao telefone com o júri e é submetido a uma espécie de interrogatório. Quando sai cá para fora, vem mais pálido, transparente e com aquela interrogação a bailar-lhe na cabeça: «como teria eu andado? Seréi aceite, não seréi?».

Apetece abraçar cada um daqueles rapazes e raparigas, dizer-lhes palavras de incitamento. Mas eles não podem esquecer que são 200 e que as vagas são unicamente duas...

«E CONTRA AS ORDENS»...

O contínuo não permite a entrada do repórter nem do fotógrafo, dizendo, insistindo que as provas são confidenciais, que não pode autorizar a nossa bisbilhoteira. Mas a reportagem continua, apesar de tudo... Há sempre um momento de descuido e um buraquinho para se poder dar olhadela gulosa lá para a cabina e fazer umas fotografias.

BOA TEORIA!...

São 6 horas. As provas vão-se estender por muitos dias. O repórter quis falar com alguns dos candidatos, ouvir as suas opiniões. Entre eles, encontramos uma jovem jornalista e poetisa bastante conhecida do público que, à viva força, nos obrigou a jurar que ocultaríamos o seu nome. Aqui se cumpre a promessa... se bem que de má-vontade...

O que disseram os candidatos? A mesma coisa: «E muita gente», foi a resposta. «Duzentos, para duas vagas»... Uns tinham algumas esperanças, outros, menos animosos, estavam de ombros caídos, tristes, a fumar. Uma rapariga loira, de bonitos olhos verdes, disse-nos, com ironia:

— Se eu ganhar, tóda a gente dirá: «esta rapariga é extraordinária. Conseguiu vencer entre tantos candidatos». Se eu perder, dirão: «coltadita, eram 200 concorrentes, o que podia ela esperar?». Por isso não me raio. Não acha bem?

Achámos a teoria esplêndida. Mas oxalá ela ganhe. Oxalá ganhassem todos. Não seria delicioso?...

REPÓRTER UM



ESTE é um grupo dos 200 lutadores que o fotógrafo conseguiu apanhar a jeito...



Fernando Curado Ribeiro tem uma voz doce, uma voz que entra direitinha ao coração, que nos envolve e nos embala. Os seus admiradores — e as suas admiradoras — não podiam, portanto, admirar-se dos resultados do seu concurso. Fernando Curado Ribeiro classificou-se, e bem, e por direito, em primeiro lugar entre os concorrentes ao prémio de cancionistas da rádio. Quem o ouviu, quem o viu, sabe perfeitamente que o Curado Ribeiro é um rapaz simpatiquíssimo, dinâmico, de excelente presença e que tem, portanto, diante de si, um largo, um brilhante e longo futuro no galarim de artista n.º 1 dos nossos palcos, telas e microfones. Isto que aqui se diz não é novidade nem profecia: é uma verdade incontestável que o novo êxito de Curado Ribeiro veio apenas confrmar.

O «Az» das reportagens radiofónicas

PAUL Gnuva é o maior repórter radiofónico da Alemanha e um dos melhores do mundo. É ele que dirige a Secção de Reportagens da Emissora de Berlim, tendo retransmitido, há pouco, a reportagem da bênção dos lugres bacalhoeiros portugueses e a festa dos pescadores, no Coliseu.

Paul Gnuva foi jornalista e locutor da Emissora Nacional de Munique e, mais tarde, repórter e chefe da secção de desportos. Tomou parte activa nos jogos olímpicos e tornou-se mundialmente conhecido pelas suas reportagens cheias de vivacidade e palpitante interesse. Mas onde Paul Gnuva alcançou tóda a fama que hoje possui, foi nas reportagens de guerra, sobretudo na frente de leste e do sudeste.

Paul Gnuva exige dos seus colaboradores um domínio completo da matéria que relatam (meditem nisto os nossos repórteres radiofónicos...) e, ainda mais: que mantenham um cunho pessoal nos seus trabalhos. Como consequência disto, resulta que Gnuva está rodeado pelos «ases» das reportagens e as suas emissões são consideradas, no género, como as mais perfeitas que até hoje se fizeram.

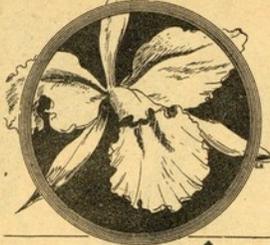
À ESCUTA

O «Orfeão Popular de Lisboa», de Dias Pombo, deu, há dias, um recital transmitido pela E. N. Piedade Antunes cantou a solo. A sua voz não será, às vezes, um tanto «esganada?». «Portugal», composição de Dias Pombo, pareceu-nos monótona, uma repetição exaustiva do mesmo tema.

Rádio Renascença deu-nos um programa de canto, organizado pelas alunas da professora D. Ema Cordeiro. Diga-se a verdade, mas o programa foi fraquíssimo. Belmira Floral teve a idêia de ir desenterrar o fado da Azenha, para o cantar mal, muito mal mesmo, sem vislumbres de sensibilidade. Albertina Mourão, péssima na «Marinela». Fernanda Lima, pelo contrário, cantou «Papoilas», de Cruz e Sousa, com uma voz bem melodiosa. E, sem dúvida, uma artista, o que não se pode dizer, infelizmente, das outras tódas.



a frescura e a beleza
d'uma orquídea



POMPEIA

PÓ DE ARROZ

Afortunadamente, a mulher encontra nos perfumistas de PIVER os seus melhores amigos, aqueles que lhe protegem a sua beleza, essa jóia de inimitável valor. Use diariamente loção, essência, pó de arroz, creme e pasta dentífrica POMPEIA e então se convencerá!

POMPEIA! Nome de encontro com mais de dois milênios de imperceptível Beleza!

LT PIVER

O primeiro vulto vivo da República, Dr. Duarte Leite

(Continuação da pág. 13)

ranças na mudança de regime. Ela não correspondeu às esperanças, porque os dirigentes do movimento reitor não estavam preparados para bem guiá-lo, absortos como viviam pela propaganda política. Deixaram-se envolver em antagonismos pessoais e mesquinhos interesses de facção. Tentei desviá-los, em 1897, para outros problemas vitais, congregando no Grupo Republicano de Estudos Sociais todos os valores com que estava em contacto. Mas, dali, só vieram duas contribuições: a minha e a de Basílio Teles. Todos os esforços convergiam para a acção.

— E qual a acção de V. Ex., depois de implantado o regime?
— Como se sabe, fiz parte do Ministério presidido por João Chagas, que se seguiu ao Governo Provisório e, então, sobrancei a pasta das Finanças. Em 1912 presidi a um Ministério de concentração dos três partidos políticos, que durou poucos meses e não me deixou saudades. Abandonel então a política, sem nunca ter conquistado amigos, mas com a satisfação de não ter perdido os que já tinha, à excepção do dr. António José de Almeida, a quem espíritos-santos de orelha convenceram injustamente de que eu dissera e fizera de mais em seu desprestígio. Só 10 anos depois reatámos no Brasil relações amigáveis, que perduraram e se apertaram até ao seu falecimento. Regressado ao professorado, dêle me distraiu o convite do dr. Bernardino Machado a ocupar o posto de embaixador no Brasil. Aceitei-o, e nêle pude conservar-me perto de 17 anos.

— Que impressão deixou a V. Ex. a visita ao Brasil do Presidente da República, António José de Almeida?
— Excelente, mas observo que o brilho e o entusiasmo da recepção foram devidos, não ao lúcido aparato protocolar, mas à eloquência e afluência do Presidente português, que todavia esteve doente em toda a sua permanência no Rio de Janeiro. Começou o eminente orador a atrair brasileiros e portugueses quando discursou no parlamento e no Gabinete Português de Leitura e conquistou-os definitivamente falando noutras cerimónias com admirável fluência e vigor.

— Foi V. Ex. fillado nalgum partido político da República?
— Não me filiei em qualquer partido, mas as minhas simpatias eram para o unionista, menos pelo trato apertado com seu chefe, Brito Camacho, do que por lhe achar feição mais construtiva e menos demagógica.

— Ouvi dizer que V. Ex. foi duas vezes candidato à Presidência da República...
— Não é exacto. Em 1917, os unionistas do dr. Brito Camacho votaram no meu nome, sem previamente me consultarem, e com a certeza de insucesso, e quando renunciei Teixeira Gomes, alguns grupos de parlamentares, por intermédio de António Maria da Silva, então Presidente do Ministério, convidaram-me à candidatura, que rejeitei, não só por ter deixado a política, mas também por pressentir a tempestade que pouco depois se desencadeou.

— O que pensa V. Ex. do regime dirigido pelo dr. Sidónio Pais, depois do movimento triunfante de 5 de Dezembro de 1917?
— Esse movimento obedeceu a necessidades da situação política. Tive com êle sempre boas relações, apesar de por algum tempo me ter recusado a nomeá-lo nosso ministro em Berlim. Não me malquistei com êle em 1917, quando não concordasse com seus planos e obras: creio, até, que êle pensou em remover-me para o difícil posto de Londres, que aliás eu não aceitaria.

— Uma pergunta há que não pode deixar de fazer-se a um dos homens que teve acção preponderante no movimento espiritual e político que havia de conduzir à implantação da República:

— Porque se tornou indispensável derrubar a monarquia?
O nosso Ilustre interlocutor teve um olhar de surpresa e retorquiu-lacônicamente:
— Mas as razões são bem sabidas e podem resumir-se em que o país se convenceu, graças à propaganda republicana, de que a monarquia era um encargo pesado, sem vantagens

compensadoras. Era puramente parassitária, como o eram os partidos que a serviam e desacreditaram: e daí a urgência de varrer todo êsse maqui-nismo.

O senhor doutor Duarte Leite pretende dar por finda a entrevista. Limitamo-nos, por tal motivo, a fazer-lhe esta última pergunta:
— No entender de V. Ex. quais são os melhores livros a consultar sobre a história do regime republicano em Portugal?
— Não conheço a literatura respectiva e, portanto, não me posso pronunciar. Pessoalmente, poderia contribuir modestamente para ela, contando episódios ignorados e curiosos, se me ajudasse a memória, que tive excelente já na minha maturidade, mas se desvaneceu quasi completamente agora que entrei fundo no tempo. Além disso, fraqueja-me a vista, o que me impede de ler demoradamente. Tenho-me concentrado na história portuguesa do século XV, que me esgota a capacidade de trabalho. E, de quando em quando, entretenho-me com a crítica de livros da história dêsse período. Para isso, ainda poderei servir. Para mais, não.

Há mais de uma hora que o doutor Duarte Leite está em conversa conosco. Os seus amigos esperam-no para continuar a reunião que o jornalista, em missão desta natureza, sempre importante, e, por vezes, magador para o entrevistado, veio interromper.

O senhor embaixador doutor Duarte Leite, que foi gentilíssimo, que conosco conversou amistosamente em tom particular, vem gentilmente acompanharnos até à porta envidraçada do pátio que conduz à escadaria principal da Quinta de Meinedo.

Tentamos fotografá-lo, mas o ilustre diplomata não consente.

Por detrás das portas envidraça-

O MENINO "CLIPPER"

(Continua na pág. 24)

ao pé da bela dama. Em que sarilho se fôra meter! E a gaguejar, como se tivesse esquecido subitamente do idioma, balbucio:

— Perdão, perdão senhora Wasserman!... Não sabia que era casada!

E mal se despediu da linda dama que deixou estupefacta.

Quando a Gegé, a pseudo-brasileira, amiga da Tatá, acabou de descrever a sua acção nessa noite — tudo pre-concebido por ela mesma — a Tatá deu um gritinho de alegria.

— Como vê não passa de um «parvenu» — declarou Gegé para a Tatá.

— Enganas-te. Bem me parecia que êle não se deixaria seduzir por ti. E que — sabes? — o rapaz continua apaixonado por mim!

— A palerma da Gegé não soube arranjar um nome mais bonito? Agora Wasserman... Nunca vi um actor com tal nome!

das, o antigo embaixador de Portugal no Rio tem um sorriso, que à sua figura distinta, correcta, mas por vezes árida, dá um tom de estranha fascinação.

Havíamos conseguido ouvir para o público e escutar para nós próprios o homem ilustre que é hoje o primeiro vulto vivo da República.

JOSE PLÁCIDO



EM TERRA, NO MAR OU NO AR

USE

RALCO
LA CHAUX DE FONDS SUISSE
IMPERMEAVEL AUTOMATICO
ANTI-MAGNETICO ANTI-MORTECEDOR DE CHOQUE
MODELO Nº338.294 - ESC.450,00
MOSTRADOR LUMINOSO
RELOJOARIA MAURY
RUA AUREA 202-LISBOA

Outros modelos desde 300\$00

alívio imediato



Seguro e sem perigo

Não corte os calos porque isso é perigoso. Os calos não saem facilmente. Evite este perigo usando

Os Zino-pads do Dr. Scholl

Aplicados em dez segundos, estes penso-almofadas, acabando com a pressão no alívio dolorido, aliviam e fazem desaparecer instantaneamente a dor. Os discos, contidos em cada caixa, aplicam-se sobre o calos, que facilmente se pode arrancar.

Sem tamanhos para calos nos dedos, calos moles entre os dedos, calosidades na planta do pé e para joanetas.

É um produto inglês

A venda na Farmácia Sarrão, Rosário, e nas outras farmácias e drograrias

Os Zino-pads do Dr. Scholl

VINHO APLICADO - TORMENTO ACABADO



Aventuras de um micróbio

NAS regiões quentes dos arrozais, ou onde existem águas pantanosas, são em grande número as pessoas atacadas por uma doença curiosa que se manifesta por violentos acessos de febre em alturas periódicas. E, com o tempo, estes pobres seres tornam-se anémicos, cada vez mais debilitados pelos ataques febris, até que morrem...

As pessoas dessas regiões sabem do que se trata: impaludismo, má-lária ou sesões. Elas culpam as picadas dos mosquitos como causadoras da má-lária, mas a ciência, por intermédio do médico Laveran, conseguiu descobrir os verdadeiros assassinos.

As espécies de micróbios causadores da má-lária, são: «Plasmodium vivax», o «Plasmodium malariae» e o «Plasmodium falciparum». Laveran, pôde reconstituir as romancescas aventuras desta família de inimigos do homem. Cada espécie tem um ciclo vital complicado que se passa, parte no sangue humano, parte no corpo de um mosquito do género «Culex». O «Plasmodium» não pode ser transmitido de homem para homem, nem de mosquito para mosquito. Tem de alternar entre um e outro. Por outro lado, dos mosquitos «Culex» só as fêmeas são propagadoras, visto se alimentarem de sangue.

Quando um mosquito infectado pica um homem, introduz um pouco de saliva e, com esta, muitos micróbios de má-lária. Em todas as correntes sanguíneas, os parasitas tomam a forma de torpêdos. Estes torpêdos nadam no sangue e cada um deles encosta-se a um glóbulo vermelho. Após um trabalho porfiado consegue penetrar no seu interior e é dentro do glóbulo e à custa dele que o «Plasmodium» se dispõe a viver.

Vai crescendo e comendo a substância do glóbulo, sempre animado de grande velocidade. Depois, torna-se pesado, os movimentos diminuem, cessam mesmo. O volume do parasita ocupa todo o espaço da casa, isto é, o glóbulo vermelho. Então, dá-se um fenómeno só habitual no mundo abrangido pelo microscópio: o parasita divide todo o seu corpo em pedacinhos e cada pedacinho passa a ser um novo parasita. Nesta altura, o glóbulo vermelho já não tem mais resistência e rompe-se, libertando os jovens descendentes que nadam no sangue e se vão encostar a outros glóbulos e invadi-los como fizeram seus pais.

Enquanto os parasitas habitaram os glóbulos, estes foram-se carregando com os produtos da desassimilação. Estas toxinas, rompidos os glóbulos, espalham-se pelo sangue e vão actuar sobre o organismo humano, originando um acesso de febre. No caso do «Plasmodium vivax», o rompimento dos glóbulos dá-se, dia sim dia não, e a febre diz-se «terça» (febre «quarta»). O «Plasmodium falciparum» ocasiona a «febre maligna».

Os parasitas continuam sempre procedendo da mesma maneira, até chegados a adultos, uns transformam-se em machos e outros em fêmeas. As novas fêmeas sexuais só continuam a desenvolver-se se tiverem a sorte de ser chupadas pelos mosquitos comedores de sangue. De entre os milhões de parasitas que infectam o corpo humano, só uma meia dúzia deles têm esta boa dita.

As fêmeas sexuais que foram sugadas passam para o estômago do mosquito e mudam outra vez de forma, preparando-se para as núpcias. Após as núpcias, a fêmea fecundada perfura o estômago do mosquito e vai depositar-se na sua camada mais externa. Aí, durante uma semana, a fêmea cresce muito e acaba por albergar dentro dela centenas de «filhos».

Nos três dias seguintes o corpo da célula-mãe rompe-se, e os jovens parasitas saem todos para a corrente circulatória do mosquito, e atingem as glândulas salivares. É uma vez dentro das glândulas encontram-se prontos a injectar qualquer ser humano.

Para atacar estes aventureiros assassinos, há, além do quínino, outras substâncias. Uma serve contra a fêmea sexual, outras contra a assexuada. É claro que o remédio soberano é destruir os mosquitos propagadores, e isto consegue-se, eliminando os pântanos e limpando as valas com petróleo, saneando convenientemente os arrozais.



FOTOGRAFIA ULTRA-RAPIDA

A foto representa uma série de instantâneos dum jogador de «golfe» em pleno acto de bater na bola com o «club». Os instantâneos foram tirados sobre um só negativo, com o auxílio de relâmpagos de luz muito intensa, distintos e iguais. As exposições sucessivas foram feitas em intervalos de 1/100 de segundo. O novo método de fotografias ultra-rápidas usa-se, quer se trate de instantâneos, quer de cinema, e tem grandes aplicações em muitos campos de investigação científica e na engenharia para a observação dos defeitos dos maquinismos rápidos. Com este método podem tirar-se 1.000 fotografias por segundo!

Aí vem uma trovoadade

AS trovoadas são responsáveis por uma grande porção de estragos das linhas aéreas de energia eléctrica. Tais estragos causam às vezes interrupções em importantes serviços de electricidade. Por isso, grande quantidade de trabalho é empregada na prevenção destes danos.

Existem vários meios para reduzir as perturbações causadas pelo relâmpago, mas ultimamente apareceu um método inventado por J. S. Forrest, que está a ser aplicado com êxito na Inglaterra. Trata-se de um aparelho que denuncia, com a antecedência de horas, a vinda duma trovoadade.

Estes aparelhos estão espalhados por toda a Inglaterra, e por meio deles os engenheiros encarregados do contróle dos serviços eléctricos podem tomar providências úteis, como a ligação de todas as vias de fornecimento disponíveis, e a desligação de todas as instalações, tais como transformadores, que poderiam ser danificados pelos relâmpagos, e que não sejam necessárias no momento.

Os distúrbios atmosféricos registam-se automaticamente num gráfico sob a forma de oscilações, e segundo a extensão da oscilação assim pode ser deduzida a distância aproximada da trovoadade em relação ao aparelho.

É mais uma vitória do espírito científico e racional do homem sobre as forças cegas da Natureza.

NARCOSSE



EM cada dia, a Medicina é enriquecida com novos processos para anestesia. Como já vai longe o tempo em que os seres humanos eram submetidos sem defesa, à tortura do escapêlo do cirurgião! O pobre coração humano sofre ainda as comoeções dos minutos de preparativos antes que o éter ou qualquer anestésico, faça mergulhar a consciência num mundo de sombras e doces fantasias, onde a dor não penetra. Em breve é o primeiro centidário da narcose por meio do éter — página importante na História da Medicina, escrita pelo americano o William Thomas Green Morton, em cujo monumento, em Boston, se lê: «Pós fim às torturas do bisturi. Graças a ele, a ciência venceu a dor».

A foto mostra o momento da aplicação dum anestésico; o aparelho adaptava-se perfeitamente à boca e ao nariz, e é mundo duma «bolsa respiratória».

Cabelos cheios de sol



«Lavalon-huller», em cinco minutos apenas, transformará a sua cabeça. Os cabelos tornar-se-ão brilhantes, livres de caspa e saudáveis. Usado no banho, com cinco gramas apenas, consegue-se uma pele repleta de saúde e palpitante de beleza. Faça uma experiência. Frascos para 10800, 15800 e 25800. A venda nos bons estabelecimentos. Laboratório RUDY — Rua de Santo Ildefonso, 29 — Pórt. Representantes em Lisboa: Agência Comercial F. V. F., L.ª, Rua dos Fanqueiros, 135, 3.ª, D.ª — Telefone 43582.

Apareceu uma estrela!

PROCURANDO recentemente um planeta de ordem secundária, alguns astrónomos ingleses fotografaram uma área do céu na região da constelação de estrelas chamada Auriga, usando uma chapa sensibilizada à luz vermelha, e acharam um corpo celeste até então não indicado nas cartas do firmamento. Esse novo corpo não era o planeta que andavam buscando, mas uma estrela variável, pouco distinta, de cor tão vermelha que só 2 por cento das suas radiações são ondas capazes de ser reveladas nas chapas fotográficas vulgares.

A investigação revelou que se tratava duma das estrelas mais vermelhas, e portanto mais frias, jámais observadas. A temperatura da superfície do Sol é cerca de 6.000° C., e a da nova estrela deve ser entre 1.500-2.000°, isto é, uma temperatura próxima do ponto de fusão da platina.

Foi feita imediatamente uma tentativa de obter um espectro da estrela, e embora a sua extrema vermelhidão e fraqueza tornassem a tarefa muito difícil, conseguiu-se obter, após uma exposição de 3 horas da chapa fotográfica à luz da estrela, um espectro que revela a existência de sódio e carbono.

As condições na atmosfera dessa estrela são completamente fora do comum, e as investigações que se estão realizando no observatório Norman Lockyer, em Devan, Inglaterra, ganham revelar dados de grande importância para a ciência.

HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

* por Carlos Ferrão *

Capítulo XXV - A campanha africana

O MÊS DE SETEMBRO EM ÁFRICA

O mês de Setembro de 1942 veria em África o malôro definitivo da tentativa audaciosa de Rommel para alcançar o Suez. As esperanças depositadas na sua empresa malograram-se. E o discutido general alemão, a partir desse momento, recolheria apenas no continente africano derrotas mais ou menos espectaculosas, e seria forçado a retiradas mais ou menos rápidas. Mas nunca mais, naquele teatro de guerra alcançaria uma vitória idêntica aquela que, alcançada sobre a inexperience do inglês Ritchie, lhe dera rapidamente tão grande notoriedade.

A primeira semana de Setembro foi assinalada por uma segunda tentativa das forças do seu comando para romper as linhas fortificadas que os ingleses haviam construído em Alamein e pelo malôro dessa tentativa. No final as posições estabilizaram-se mas não tardaria a que, pouco depois, os defensores de Alamein, tendo recebido poderosos reforços em homens e em material de guerra passassem definitivamente à ofensiva até à expulsão definitiva das forças do Eixo de África. Assim esta fase da campanha africana pode considerar-se dividida em duas partes. Na primeira Rommel lança o seu grande ataque a Alamein e é repellido. Esta acção ocupa parte da primeira quinzena de Setembro. Na segunda parte, a frente estabiliza-se e os ingleses intensificam os seus preparativos em proporções que não permitem a réplica do adversário. É o período que vai desde o fim da primeira quinzena de Setembro até ao fim da primeira quinzena de Outubro.

Quando se produziu o ataque de Rommel a que nos referimos, estava já dissipada uma grande parte dos receios que havia suscitado inicialmente a fragilidade da linha de Alamein. Esta tinha sido poderosamente reforçada. Tinham sido treinadas novas tropas que acorriam a ocupar os seus vótos. O 8.º Exército estava em plena transformação. Os novos comandos revelavam que a sua escolha não fora o produto duma improvisação. Embora o nome de Montgomery não estivesse de começo designado para combater em África, foi ele o que mais depressa se celebrou. Junto das tropas o seu ascendente confirmou-se depressa. Junto dos dirigentes aliados também rapidamente se estabeleceu uma confiança completa nas qualidades do novo comandante do 8.º Exército, confiança a que os factos muito cedo iam justificar.

O COMUNICADO E O DISCURSO

No dia 6 de Setembro o comunicado habitual do Quartel General do Cairo dava conta de acontecimentos importantes ocorridos naquele teatro de operações referindo o seguinte: «No sector meridional da frente, o inimigo prosseguiu a sua retirada em direcção a occidente, sob violento fogo das nossas colunas móveis e da nossa artilharia. As suas concentrações encontram-se a oeste dos nossos campos de minas, por entre os quais tentaram penetrar na noite de 30 para 31 de Agosto. O «Afrika Korps» constituído pelas 15.ª e 21.ª divisões coraçoadas, pela 19.ª divisão ligeira alemã, pelas divisões blindadas italianas e por destacamentos móveis, sofreu perdas consideráveis em homens, veículos e «tanks». Essas perdas foram produzidas pela acção das nossas forças terrestres e aéreas. Apesar dos seus esforços, o inimigo não conseguiu penetrar em nenhum ponto do nosso sistema defensivo.»



O rei Faruk, do Egipto, que, não obstante as manobras da política externa, se manteve fiel à Inglaterra

Era esta a maneira oficial e sóbria de anunciar que a tentativa de Rommel fora repellido com pesadas perdas para as forças do Eixo e que o novo 8.º Exército, forças terrestres, e a aviação aliada, que entretanto tinha chegado àquêlê teatro de operações, começavam a fazer sentir a sua presença de maneira activa e pesada.

Quando, para descrever os acontecimentos capitais que se passaram em Outubro no Norte de África, o Primeiro Ministro da Grã-Bretanha teve

mais tarde de se referir a esta fase da campanha, foi para o fazer nos seguintes termos: «O ataque de Rommel encontrou-se perante a resistência tenaz das nossas tropas e especialmente da nossa artilharia que já então estava abundantemente provida de munições e que foi empregada em grande escala. Rommel teve, porém, o cuidado de não se empregar a fundo. Ao fim de três dias de combate foi obrigado a bater em retirada. As nossas baixas estão avaliadas em cerca de duas mil. As baixas do inimigo forma muito mais elevadas. A desproporção entre as nossas baixas e as suas acentuou-se sobretudo no tocante a «tanks».

A artilharia de Montgomery começava a dar que falar de si. Alamein veria ainda essa artilharia empenhada numa acção decisiva, não para defender uma posição fortificada mas para atacar o reduto do Eixo com um poder até essa altura desconhecido. As perdas de «tanks» eram particularmente sensíveis para Rommel que não tinha maneira fácil de substituir com rapidez o seu equipamento pesado e cujos soldados começavam a dar mostras de cansaço irremediável.

A MARCHA DOS ACONTECIMENTOS

Que se passara, entretanto, para justificar o relato do comunicado oficial do Cairo? Os correspondentes de guerra não tardaram a revelar a história da segunda tentativa de Rommel para penetrar no sistema defensivo britânico e do malôro dessa tentativa. As tropas do Eixo tinham começado por atacar no flanco esquerdo do sistema defensivo britânico onde depararam com a resistência de unidades coraçoadas do 8.º Exército. A engenharia alemã procurou abrir um caminho no meio dos campos de minas que asseguravam a defesa daquele plano, depois do que as divisões blindadas do Eixo passaram ao ataque. No dia 1 de Setembro a luta travava-se a uns vinte cinco quilómetros da costa entre as unidades avançadas britânicas e as vanguardas do Eixo.

Depois do seu primeiro avanço, os atacantes reconheceram depressa que o flanco esquerdo das posições inimigas estava sólidamente fortificado e que eram poderosas as concentrações de artilharia que asseguravam a sua defesa. Rommel modifica, então, a sua tática e procurou encontrar um ponto fraco no centro do sistema defensivo de Alamein. Não foi mais feliz nessa tentativa. Entretanto, a aviação aliada, incluindo já numerosas esquadrilhas americanas, flagelavam as linhas de comunicação do Eixo e causou pesadas perdas nas suas colunas de transportes.

No dia 2 os britânicos iniciaram um contra ataque poderoso servido pela sua artilharia. As formações de «tanks» alemães foram particularmente afectadas.

Nesse dia, dois oficiais alemães, munidos com uma bandeira branca, apareceram no centro das linhas britânicas, e pediam à guarnição inglesa que se rendesse pois os seus «tanks» haviam já penetrado no flanco esquerdo do sistema defensivo. O convite não teve qualquer resposta. Os emissários alemães retiraram-se, e no dia seguinte iniciou-se também a retirada dos atacantes que assim reconheciam o malôro das suas intenções e confirmaram a sua assistência delas.

O ataque alemão conduzido contra o centro da defesa britânica na noite de 3 para 4 foi também como dissemos repellido com pesadas perdas para os atacantes. Nesta fase da batalha distinguiram-se especialmente os neo-zelandeses e indianos que contra atacaram e ganharam rapidamente terreno.

Entre 4 e 6 as posições não se alteraram sensivelmente e o comunicado do Cairo do último daqueles dias assinalava o malôro da tentativa de Rommel. O Eixo ia passar definitivamente à defensiva.

UMA EXPLICAÇÃO POUCO CONVINCENTE

Do lado alemão foi, mais tarde, explicado que se não tratava duma tentativa formal para penetrar nas linhas britânicas, mas apenas dum reconhecimento em força. Esta versão era pouco convincente especialmente quando se considerava o volume das perdas sofridas pelos atacantes. Estes perderam 120 «tanks» e 55 aviões, durante as operações aéreas que conduziam nos dias 2 e 3 de Setembro. As baixas em oficiais e soldados foram igualmente pesadas, incluindo o comandante da 21.ª divisão panzer, general Bismarck.

Como Churchill mais tarde revelara no seu discurso de Novembro, as perdas britânicas foram relativamente menores. A artilharia britânica, as armas anti-«tanks» e a aviação, sobretudo as esquadrilhas americanas que se adaptaram rapidamente à guerra no deserto, deram excelentes provas. A Luftwaffe teve uma das suas jornadas menos felizes. Sempre que os seus aviadores tiveram de se bater com os veteranos da R. A. F., estes dominaram o céu, sem contestação.



Nesta segunda fase da campanha do Norte de África, Tobruk representa, de novo, um papel especial como objectivo de guerra. Então, os prisioneiros germânicos, no porto conquistado, formam multidões e são conduzidos aos portos do Egipto.

Mas acima de tudo, o comando britânico revelou-se superior ao do adversário. Os ingleses tinham percorrido, nesse capítulo, um longo caminho depois de Bir-Hakeim e de Tobruk. E tinham-no percorrido depressa.

Os ingleses não tardaram a explorar esse seu êxito local. Utilizaram, para isso, o método mais fácil que estava ao seu alcance. Iniciaram um ataque formal às linhas de comunicação do inimigo realizado pela aviação e pelas unidades navais ligeiras.

Na noite de 13 para 14 a aviação anglo-americana atacou as instalações do porto de Tobruk ao mesmo tempo que entravam neste formações de vedetas torpedeiras. O ataque degenerou rapidamente numa tentativa de desembarque que se malogrou devido à vigilância e às rápidas providências adoptadas pelos defensores. O contingente desembarcado realizou na área do porto demolições importantes, mas no decurso da retirada sofreu perdas valiosas.

O comunicado do Eixo publicado depois desta tentativa dava conta de terem ficado nas mãos dos italianos 576 prisioneiros britânicos entre os quais contavam elementos dum destacamento de marinha. Os ingleses perderam ainda um contra-torpedeiro, o «Sikh» e mais tarde, durante a retirada, um outro contra-torpedeiro, o «Zulu». As guarnições destas duas unidades da marinha de guerra puderam, porém, ser salvas. O comunicado do Eixo assinalava ainda o afundamento dum porta-aviões britânico, mas esta afirmação parecia pouco ajustada à verdade.

ATAQUES DE SURPRÊSA

Entretanto, os britânicos mostravam uma agressividade crescente traduzida numa série de ataques de surpresa realizados contra posições inimigas. Durante o «raid» naval contra Tobruk os aeródromos de Benghazi e de Barce foram violentamente atacados. Em Benghazi foram destruídos muitos veículos e em Barce ficaram inutilizados trinta aparelhos. O comunicado italiano chegou a anunciar um ataque de paraquedistas, mas esta versão foi mais tarde rectificada. Mas o comunicado do Eixo nunca pôde esclarecer se os atacantes tinham vindo de Kupra, ou se tinham feito o seu caminho, através do deserto, num percurso de seiscentos quilómetros, depois de rodearem o seu flanco no Egipto, para alcançarem Benghazi.

Dois dias depois, os britânicos fizeram novas sortidas nocturnas contra o oásis de Jalo que os italianos haviam perdido em Novembro e recuperado mais tarde. Este oásis fica situado a cerca de setenta quilómetros da fronteira egípcia. Os atacantes destruíram os «stocks» de munições que os italianos ali haviam acumulado na previsão dum ataque que não deixaria certamente de ser lançado contra Kupra. Os estragos causados evitaram que esse ataque se produzisse no momento oportuno.

Embora este ponto nunca tivesse sido suficientemente esclarecido parece que o ataque do oásis de Jalo e a sua guarnição partiu de Kupra onde no inverno de 1940-41 se tinha instalado uma força de franceses livres vinda do sul. Esta força tinha sido entretanto aumentada pela chegada dum contingente bri-

tânico e pelo envio de armas e munições. A posição de Kupra foi em seguida violentamente atacada pela aviação alemã sendo destruídos alguns dos aparelhos que se encontravam pousados no solo.

Mas os ingleses nunca revelaram o ponto de onde o ataque tinha partido e puseram a correr uma versão segundo a qual os atacantes tinham rodeado, sem serem vistos as posições italianas instaladas nos oásis de Siwa e Jaralulo o que parece porém possível. Nestes dois pontos havia guarnições suficientemente poderosas para se oporem à passagem de destacamentos relativamente fracos como eram aqueles que realizaram o ataque a Jalo. Mas a guerra no deserto era uma guerra de surpresas e compreendia-se que os ingleses fizessem todos os esforços para manterem os seus adversários na ignorância dos projectos que iam realizando, sobretudo quando esses projectos implicavam uma grande parcela de audácia e de imaginação.

NO EGÍPTO E NA ABISSÍNIA

Para terminar esta parte da narrativa dos acontecimentos que se produziram em África no período que precedeu a grande ofensiva aliada do outono de 1942, resta-nos referir o que se passou no Egipto e na Abissínia, países directamente relacionados com as realizações dos planos britânicos.

Durante as horas críticas que os ingleses passaram no verão daquele ano, não faltou quem supusesse que o Egipto, o seu povo e o seu Governo, acabariam por tomar uma atitude hostil à Grã-Bretanha, não desejando que o seu território fosse assaltado pela guerra. Nada disso se passou. Tanto o rei Faruk, como o chefe do governo Nahas Pachá, este último chefe do partido de Wafd fortemente anti-britânico, como a população não manifestava quaisquer sintomas de inquietação ou de receio mesmo quando o avanço de Rommel parecia atingir o vale do Nilo.

Havia, entretanto a recear que, a exemplo do que no ano anterior se passara no Iraque e no Irão, a acção conjunta do Eixo criasse sérias dificuldades à influência britânica naquele país tanto mais que a colónia italiana ali residente é numerosa e activa. Nenhuma das dúvidas suscitadas a esse respeito se

(Continua na pág. 22)



«Rei dos Reis», Selassié, de regresso ao país conquistado, recebe, em Kartoum, os altos dignitários etíopes



"Ensaio sobre a criação no romance" por João Gaspar Simões 'A luta pela expressão' por Fidelino de Figueiredo "Eça de Queiroz e os políticos" por Luís de Oliveira Guimarães

ENTRÉ todas as funções literárias a crítica é, em princípio, uma das mais atraentes mas também a que se revela, ao cabo de longa prática e esforço intelectual, a mais desencantadora. É a que menos facilmente se imprime e também a única que nunca pode completar-se. O romance, a poesia, o teatro, têm dimensões definidas e recorrem muito mais ao talento do que à inteligência. Para a crítica nunca se extinguem as exigências de objectividade, perfeita sistematização e harmonia nas ideias, cultura vastíssima, impecável aperfeiçoamento moral. Na sua forma mais elevada, como caso limite da compreensão e da certeza no juízo, seria inteligência no seu estado mais puro. Em nenhum género se encontram tão desanimadoras experiências e tão certos fracassos.

Com certa parcela de melancolia se reconhece estas verdades em face do último livro de Fidelino de Figueiredo, «A luta pela Expressão», enfileirado numa longa e interessante série de volumes e que devia trazer, ao menos por isso, as virtudes da longa experiência. Não faltam a este escritor, de resto, algumas das qualidades intelectuais propícias à superior realização de uma personalidade crítica: a persistência inafastável no trabalho, a vivacidade na observação, o talento da fórmula feliz. Mas contra isso tudo, parecem agir negativamente outros aspectos da sua formação intelectual que reduzem à incongruência, ao dogmatismo pedante e à banalidade brilhantemente tingida de profundidade todas ou quase todas as suas páginas.

Durante largos anos tem andado este escritor por países estrangeiros, em contacto com os mais diversos ambientes literários. Na Espanha, no Brasil, nos Estados Unidos, poderia ter enriquecido a sua visão dos homens e dos acontecimentos; dar-lhes universalidade através de uma constante e firme personalidade. Ao cabo de tudo isso — tantos volumes publicados e tantas experiências adquiridas — vamos encontrar nesta «Luta pela Expressão» em que se pendura com gravidade facunda este sub-título: «Prolegômenos para uma filosofia da literatura», os mesmos defeitos capitais das suas obras anteriores.

Quasi página a página, e sem custo, se poderiam apontar neste livro as erradas definições, os pensamentos desarticulados, as contradicções disfarçadas sob a aparente torrencialidade de ideias; e no meio

disso as fórmulas talentosas e brilhantes, as referências eruditas marcando um poderoso trabalho intelectual, as descobertas originais do crítico acauz que não recela os grandes temas. Sob a fachada solene da obra aparece a realidade anti-crítica deste pretensioso crítico, a falta de filosofia séria deste ensaísta pretensamente filosófico: a sua crítica é forjada de impressões, o seu sistema abstracto transuda ligeira fantasia.

O que lhe permite afirmar com tão grave entono que há doença da crítica como há doença da poesia; que Platão foi um criador novelesco; que a questão dos universais foi «uma disputa de dicionaristas»; que Bergson é um Platão sem diálogos; que a análise transcendental de Rant é mediocre; que se podem provar experimentalmente os mistérios da beleza em arte literária? Colhem-se ao acaso afirmações como estas no decurso de uma obra que pretende fazer sistematização integral de um tema difícil; e muitas mais se poderiam acrescentar, descobrindo o belo em arte literária? Colhem-se ao acaso afirmações como estas no decurso de uma obra que pretende fazer sistematização integral de um tema difícil; e muitas mais se poderiam acrescentar, descobrindo o belo em arte literária? Colhem-se ao acaso afirmações como estas no decurso de uma obra que pretende fazer sistematização integral de um tema difícil; e muitas mais se poderiam acrescentar, descobrindo o belo em arte literária?

Assim tem erguido Fidelino de Figueiredo uma obra de falsa imponência, desbaratando poderosas qualidades e perdendo em fantasias pseudo-críticas o seu corajoso trabalho de actualização dos problemas. Muita coisa se aprende neste livro decerto; mas mais pelo que se repudia, em irreprimível discordância do que pela aceitação dos seus fugidios critérios; mais pelo que se evoca de alguns estudos sérios, modestos e bem fundamentados que soube construir, do que pela segurança deste ensaio malogrado na sua ambição excessiva.

João Gaspar Simões tem sido, inequivocamente, um dos mais activos e estimulantes renovadores da crítica literária em Portugal, aproximando-o pelo grande público e instruindo-o pelo valor intrínseco das suas referências. Não pode deixar de admirar-se este esforço, infelizmente comprometido

pela fácil sujeição às arguens da moda e por uma espécie de mundanismo das letras que diminui a sua natural e espontânea imparcialidade.

Na crítica de trabalhos críticos vale muito mais a pena ponderar os defeitos do que as virtudes — sem deixar de as reconhecer no seu justo mérito. O «Ensaio sobre a criação no romance» apresentado há pouco por J. Gaspar Simões descobre ambas as coisas com transparência instrutiva: sobram-lhe o esquematismo, embora fortemente pessoal e com originalidade sincera de pontos de vista; a auto-suficiência, embora a cultura e a inteligência do autor mostrem conhecer muito bem os seus perigos escorregadios; as arbitrariedades de juízo, embora Gaspar Simões seja capaz de fugir a elas pela sua capacidade construtora; as contradicções, ainda que atenuadas por vezes excessiva da sua forma de expressão as revele à superfície.

O romance, cuja génese Gaspar Simões se propõe explicar, pode e deve ser compreendido à luz de mais complexos sistemas de ideias — não por uma análise de arremação dos caracteres que deixa de fora o essencial do problema. Essa arrumação não evita, aliás, os excessos do pensamento preconcebido: que a arte vive de paixão e de exagero — quando mais adiante afirma que entre Póvost e Des Grieux existe apenas um ângulo de deformação ditado pela saúde e o amor (um amor, sem dúvida, pacificado pelo tempo e diluído em saúde...); que a criação é um mistério que é preciso respeitar — quando afinal para isso se faz crítica e ensaio neste mesmo género que o autor tem experimentado; que o género literário tenha mais importância do que a vocação literária. E ainda esse deplorável aforamento das velhas divagações do autor pela teoria dos compartimentos psicológicos, pelo «mistério» da revelação literária, e outras que julgava transitadas.

Nem por isso oferece menos interessante reflexão este ensaio que revela a aptidão construtiva de Gaspar Simões, a perfeita actualidade da sua cultura e o amor sincero dos problemas literários fundamentais. Sem dificuldade poderia o crítico tão solidamente documentado evitar as contradicções que surpreendem, por exemplo, neste período:

«Na origem de toda a vocação literária existe o que quer que seja de espírito imitativo. É possível que o primeiro poeta tenha dado forma às suas composições partindo do

nada». Sublinhei os termos cuja integração parece mais surpreendente; mas poderia sublinhar também, sem dúvida, algumas páginas de rigorosa interpretação, como as que consagra à função analítica no romance e à índole analítica que daí resulta.

O dr. Luís de Oliveira Guimarães consagrou um tema sedutor ao seu último livro de crónicas em que se misturam com inegável gosto certos movimentos de ideias próprios do ensaio. «Eça de Queiroz e os políticos» tem, na verdade, um título excentrico; o seu conteúdo, no entanto, é simples, despreocupado, ligeiro e breve — e assim o quis o autor. Só neste nível, que é o do cronista ágil e fino, pode julgar-se a obra. Não seria legítimo esconder que ao título devia — correspondendo alguma coisa mais — mesmo muito mais, se Oliveira Guimarães o quisesse.

Em vez da acessível divulgação, em que o autor se permite conversar com os seus possíveis leitores, não seria impossível esperar uma investigação demorada e sólida das reflexões e atitudes de Eça de Queiroz sobre os políticos do seu tempo. Está por fazer, sem dúvida, o estudo ainda mais importante e decisivo sobre as ideias políticas de Eça de Queiroz — porque as teve, em inúmeros aspectos, embora quasi sempre as escondia sob o suave manto da ironia, da piedade e da profunda compreensão humana. «Eça de Queiroz e os políticos» podia muito bem ter sido esplêndida contribuição para esta obra reparadora, depois das interpretações falisíssimas que os políticos de partido e de paixão fizeram posteriormente do pensamento de Eça.

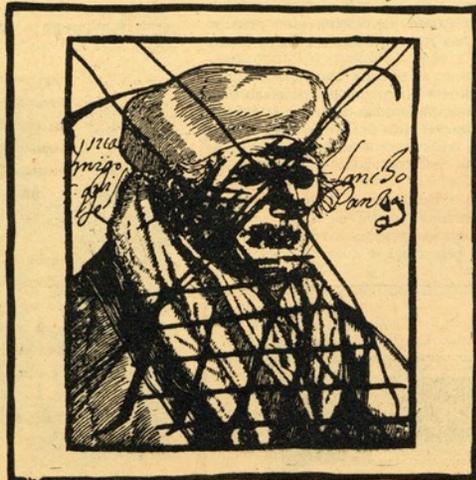
Como o concebeu e escreveu, este livrinho de Oliveira Guimarães conserva ainda muitos motivos de interesse. Se não revela factos ou pontos de vista novos, possui a arte de compor em forma límpida e graciosa os que se sabiam já. A leveza, a elegância, a fluência insinuante e alegre deste vivíssimo cultor do «humour», revestem os factos narrados de uma atmosfera literária feliz, com que o leitor não se cansa. Não se pode dizer que seja o mais rigoroso processo de fazer crítica ou de construir uma sólida arquitectura de ideias — mas é, com certeza, o mais agradável e sem responsabilidade. Não tem profundidade mas brilho; não ensina mas encanta. Há em Oliveira Guimarães — nestes seus estudos em que a biografia se combina com a crítica e o ensaio — a deficiência maior da facilidade. Em «Junquinho e o bric-à-brac», «As mulheres na obra de Eça de Queiroz» e neste mais recente livrinho, o autor volta-se para os seus temas como cronista e não como investigador de problemas capitais da natureza humana expressos em escritores. Homens que pensaram e escreveram, foram mais ainda, como todos, homens que viveram; e é nessa relação fundamental da vida com a obra que pode encontrar-se o tema superior, digno do ensaísta arguto e compreensivo que é Oliveira Guimarães.

Intolerância erasmiana

NA transição inquietada e cruel de uma época para outra Erasmo quis representar, pela sua atitude e a sua obra, a independência do espírito perante as dissensões dos homens. Enquanto a tempestade da reforma e da reacção católica fervia à sua volta, Erasmo continuava com a sua placidez ascética afirmando a superioridade da inteligência e da cultura — essa magnífica exaltação humanista do Renascimento — sobre a polémica teológica que empunhava as armas com tão cego ardor. São realmente cegas as épocas de luta, mas sem elas não prossegue a humanidade o seu destino. A tolerância é um logro nesses períodos que muito deram para alguma coisa construir. E Erasmo bem o sentiu, no declinar triste e abandonado da sua vida: tinham-se calado as vozes fiéis dos seus companheiros no apostolado da cultura nova — alguns tragicamente, como Tomás Morus, executado, e Melanchton, arrebatado nas fúrias da propaganda lutetana. De amigos os partidos e as facções, o retrato de Erasmo na portada de um dos seus livros, riscado furiosamente pela Inquisição espanhola e representada a sua fisionomia imóvel de intelectual «au-dessus de la mêlée» pelos traços da morte. A tolerância erasmiana só encontrou abrigo nos raros escritores do seu tempo que conseguiram o privilégio da solidão: mas a história continuou a fazer-se alheia à sua mensagem de compreensão e de paz; e se o espírito alguma

coisa ganhou com o seu alheamento calculado, o futuro dos homens — que seria o destino concreto do autêntico humanismo — caminhou mais uma vez sobre cadáveres e ruínas. Assim renovam os

tempo esses símbolos da tragédia humana, parecendo cada vez menos fácil e, o que é pior, cada vez menos legítimo, o erasmismo eternamente fracassado.





MODÈLES PARISIENS

Gaby
COUTURIER

RUA BRAMCAMP, 6, R/C. D.
TELEF. 4 2735 — LISBOA

CONSELHOS PARA A SUA BELEZA

— A mulher deve vestir-se com elegância, mas ter sempre em vista a simplicidade, a discrição e a modéstia.

— As jóias custosas são indício de vaidade. Use-se apenas, quando muito, um anel simples ou um colar, mas sem sugerir a idéia de luxo.

— Evite os perfumes concentrados. Use água de Colónia, o mais suave e o mais delicioso perfume.

— Não se habitue aos saltos altos. Cansam e dão geralmente maus resultados.

— O seu penteado deve ser discreto sem pretensões de originalidade, mas de molde a favorecer o seu rosto



PARA DECORAR

Em estofos, cortinados, reposteiros e carpetes, não há em Portugal mais bela e rica coleção que a da

Casa
Africana
RUA AUGUSTA, 161-177



Correspondência

CELINA FERNANDA — Gostaria que me explicasse se as borbulhas são como biquinhos de alfinetes ou borbulhões grandes de cabeça branca. Pode escrever-me com mais detalhes?

Diga-me se sofre do fígado, a sua idade e estado — e não se esqueça, de preferência, de consultar o médico...

UMA RAPARIGA EMBARAÇADA — O seu caso é, na realidade, difícil. Por mim que — graças a Deus — continuo católica praticante, apesar de também muito ter lido, sentir-meia profundamente desgostosa se a minha união tivesse sido apenas civil. Mas isto é quanto a mim... No entanto, nunca a nossa vida deve ter como base um acto que nós acreditamos ser mentiroso. Tem bem a certeza de que pensa tal como disse?

EDELWEISZ — Li com interesse a sua carta. Tenho pena de que, por motivos estranhos à nossa vontade, a sua resposta ao nosso inquérito, assim como de muitas outras leituras, não possam ser publicadas. Gostaria de ler o livrinho de que me falou.

Um beijo para a Céuzinha. M.

A RECEITA DA SEMANA

PUDIM DE LARANJA

Espremem-se quatro laranjas grandes, bastantes sumarentas e doces, numa pequena vasilha de barro vidrado. Junta-se-lhes três ovos batidos, um quarto de litro de leite, uma colher de chá de canela em pó e o açúcar refinado necessário para que tudo fique convenientemente doce. Depois de tudo bem batido, põe-se ao lume mexendo sempre até que fique como manteiga derretida. Em estando na consistência desejada, delta-se em pires fundos e serve-se somente quando estiver frio.

É necessário fazer qualquer coisa!

HOJE, mais do que nunca, a vida tem de possuir uma finalidade. Qualqjuer que ela seja. Mas todos devem pensar em cumprir uma certa missão, boa ou má, completa ou imperfeita. Por isso mesmo, creio que a mulher não pode olhar mais para o futuro, com a indiferença de tempos passados. Não! Ela também tem — e em grande parte! — responsabilidade por esse futuro, pelo que possa e pelo que deva acontecer.

Tódas nós sabemos que presentemente existem três categorias de mulheres: as que trabalham no lar, as que trabalham fora do lar... e as que não trabalham, gastando o tempo em futilidades e não se importando, de maneira alguma, com os problemas do mundo. Pode, aliás, criar-se ainda uma outra categoria: aquelas que fingem trabalhar. Mas também não nos enganam. As suas sombras mal saiem da sombra...

E, por último, existem as meninas-de-família, educadas dentro de preconceitos rígidos e de normas amareladas pelo tempo. Procuram somente um marido rico, com posição segura, que lhes possa oferecer um futuro descansado. E nada mais!

Como elas se enganam! Como trazem ainda as almas cheias de ilusões e os olhos cansados para a luz forte da vida. Contudo, é necessário que despertem, que compreendam a transformação do tempo e da vida, que se decidam a enfrentar a realidade, para que o desengano não seja total e desastroso...

Sim!... As bonecas, as mulheres-mascotes já acabaram, como disse numa das minhas crónicas anteriores.

E à mulher cabe um papel de excepcional importância na preparação do futuro. O tempo presente não deve ser de sonhos. Haja, sim, um pouco de poesia — porque a poesia nasceu com a mulher. Mas haja, simultaneamente, compreensão absoluta dos nossos deveres. Que as mães ensinem aos filhos um ideal de fraternidade. Que as raparigas ergam pelas suas mãos um altar de esperança. Que as velhinhas nos dêem a sua experiência, para que o caminho nos pareça menos duro. E, sobretudo, que se gaste o tempo utilmente, que se trabalhe, que se cumpra a nossa missão de companheiras dedicadas do homem, que se faça qualquer coisa para o bem do futuro!

MARIALIA

COMO SE ENSINA A ANDAR...

GEOURGE Fitzgerald tem-se dedicado a ensinar a andar centenas de jóvens, algumas das quais estavam acostumadas apenas ao conforto do seu automóvel. Mas a guerra, mudou o curso do mundo. E elas tiveram de compreender a realidade dura dos nossos dias.

A primeira lição a que êle submete as suas discípulas é obrigá-las a caminhar sobre uma linha recta de passos já marcados, como se vê na gravura. Essa encantadora jóvem chama-se Jacqueline Copeland e recorreu à habilidade de Fitzgerald devido às moléstias que lhe adivinham de não saber andar.

Aliás, Fitzgerald tem um método fácil para saber se uma pessoa caminha bem ou mal. Observa as solas dos sapatos. Se as pontas estão gastas, já se sabe que anda bem. No caso contrário...



«Os produtos «NOSEL» são as que mais me agradam» — afirma MARIA DOMINGAS.

HISTÓRIA DA GUERRA

(Continuação da pág. 19)

confirmaram e o Egipto manteve-se até final, fiel ao espírito da aliança que o ligara à Grã-Bretanha.

Na Abissínia a administração do negus Hailé-Selassié substituiu rapidamente as autoridades britânicas. Em Agosto de 1942, no momento em que a ameaça de Rommel parecia mais aguda do que nunca, as tropas britânicas que se encontravam em território etíope deixaram este tendo uma despedida afectuosa por parte da população. Ficaram apenas alguns destacamentos para protecção do caminho de ferro de Addis-Abeba — Djibuti, via de comunicação essencial para a defesa das posições inglesas no Norte de África. Hailé Selassié enviou um novo embaixador para Londres e afirmou novamente o seu propósito de cumprir fielmente as obrigações do tratado de aliança anglo-etíope.

Os incidentes que se registaram em Dessié, onde a influência dos italianos ainda se fazia sentir, foram rapidamente liquidados. A Abissínia, cuja aventura estava directamente relacionada com os acontecimentos extraordinários que ocorreram na Europa tinha de percorrer ainda um largo caminho antes que pudesse enfileirar ao lado dos países mais prósperos e progressivos. O seu povo encontrara, porém na Grã-Bretanha um ponto de apoio sem o qual lhe não teria sido nunca possível recuperar a independência e reaver a sua soberania.

(CONTINUA)

P A P Y R U S

PAPYRUS — O melhor papel para escrever

PAPYRUS — O melhor papel para imprimir

PAPYRUS — O melhor papel para Títulos de Crédito

PAPYRUS — O melhor papel para Apólices, etc

PAPYRUS — Os melhores livros comerciais

PAPYRUS — Os melhores sobrescritos

PAPYRUS — O melhor papel para cartas

À venda nas Papelerias e Tipografias

Depósito geral:

Amador A. Dominguez & C.^a (Filho)

Rua dos Correios, 70

LISBOA

End. telegráfico PAPIRO — Telefone 2 5854



O SONHO DE TODOS OS
AMADORES DE CINEMA



PAILLARD 18

O APARELHO DE FILMAR DE GRANDE CATEGORIA
A UM PREÇO POPULAR

À venda em todas as boas casas de artigos fotográficos



EMISSÕES DOS ESTADOS UNIDOS

EM LINGUA PORTUGUESA

(RECORTE ESTA TABELA PARA REFERÊNCIA FUTURA)

12,45	WRUS	30,9	WRUA	25,45	WKLJ	30,75	
13,45	WRUS	19,83	WRUA	25,45	WGEO	19,56	
14,45	WRUS	19,83	WRUA	25,45	WRUW	25,58	WBOS 19,7
17,45	WRUS	19,83	WRUA	25,45	WRUL	19,5	
18,45	WRUS	19,83	WRUA	25,45	WRUL	19,5	
19,45	WRUS	19,83	WRUA	26,9			
20,45							
					(Meia hora de programa especial)		
21,15	WRUS	19,83	WRUA	26,92	WGEO	25,3	WGEX 25,4
21,45	WRUS	19,83	WRUA	26,92	WGEO	19,5	WGEX 25,4
22,45	WRUS	30,94	WRUA	39,6	WRUL	25,58	WKLJ 30,77
23,45	WRUS	30,94	WRUA	39,6	WKLJ	30,77	

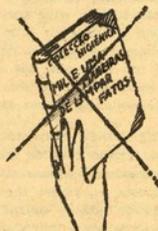
«A VOZ DA AMÉRICA» em português pode ser também escutada por intermédio da «B. B. C.» das 19,45 às 20

EMISSÕES DIÁRIAS

OIÇA a VOZ da AMÉRICA em MARCHA

Receitas contra nódoas

há muitas...



...mas, na verdade, a única «receita» infalível, simples, económica é o

CASULO Limpa-Fatos

milagroso produto que custa só 2800 e suprime completamente LUSTRO, NÓDOAS, MAU CHEIRO e torna os fatos como novos e mais duráveis.

Uma síntese admirável e inimitável de 6 substâncias químicas inofensivas.

Em todas as dro-
garias

Revenda:

SCHROETER
& ALMEIDA

Rua da Madalena,
128, 2.ª — LISBOA



PRODUTOS
DE BELEZA



Rainha da
Hungria

M'CAMPOS

O ENCANTO NATURAL DA
MULHER QUE QUERE CON-
SERVAR A SUA BELEZA

★ PASSATEMPO ★

DIRIGIDO POR AUGUSTO TEIXEIRA MARQUES

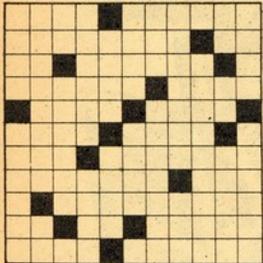
TODA A CORRESPONDENCIA DEVE SER DIRIGIDA A R. MARQUEZ SÁ DA SANDEIRA, 108-3.º — LISBOA

PALAVRAS CRUZADAS • DAMAS • XADREZ • CHARADAS

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 37

Por João Manuel Marques Carolino
(Nelas)



HORIZONTAIS: 1— Compreenda forma larvar dos batráquios. 2— Adornada; atmosfera. 3— Pronome pessoal; equipava. 4— Nome de homem; íntimas. 5— Existência; acreditar. 6— Lage; gastar. 7— Três consoantes; universal. 8— Anagrama de «acetos»; jogo de cartas. 9— Instrução. 10— Nota; aparência; embarcação (inv.). 11— Parente (inv.); destrói.

VERTICAIS: 1— Caixa de fôlha; residia. 2— Nome de mulher; partir. 3— Avançava; sequel. 4— Transferia (inv.); partido. 5— Interjeição; mau (inv.). 6— veado; vias (subs.). 7— Partida; dizer-se. 8— Provir (inv.); abundância. 9— Espécie de carruagem. 10— Contração da preposição e artigo; aspecto; queimes. 11— Rezas; lugar imundo.

PROBLEMA N.º 38

Solução

HORIZONTAIS: 1— Tas; itu; res. 2— Aru; ais; aba. 3— Ter; tos; pas. 4— Upa; era; ano. 5— Alo; aso. 6— Craça. 7— Coma; cama. 8 Apo; lar. 9— Marso; acori. 10— Adali; arca. 11— Rolão; lesar.

VERTICAIS: 1— Tatu; acamar. 2— Arepa; opado. 3— Sural; moral. 4— Oca; cia. 5— late; tólo. 6— Tlogas. 7— Ussa; baal. 8— Aal; cre. 9— Rapa; aloes. 10— Ebano; marca. 11— Sazo; carlar.

DAMAS

(Secção espanhola)

Orientador: Dr. Carlos R. Lafora

Teldo: G. Candria — Espanha

CONCURSO INTERNACIONAL

DE PROBLEMISTAS DE «DAMAS»

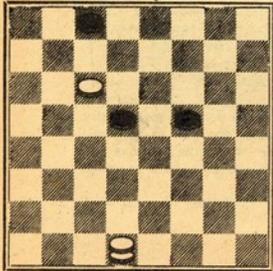
PROBLEMA N.º 5

Lema: Sheik Sepia I

«La Provincias», 19-7-944 — Las

Palmas, Espanha

Pretas: 3 pedras



Branças: 1 «dama» e 1 «pedra»

Jogam as brancas e ganham.

Colocação das peças:

Branças: Pedra em 23 e «dama» em 3.

Pretas: Pedra em 18, 19 e 31.

RECTIFICAÇÃO

As «gralhas», que durante largo tempo nos haviam deixado em paz, voltaram a fazer-nos uma indesejável

visita no penúltimo número (n.º 164) da nossa Secção.

Assim, não foi só o Final n.º 13, de Francisco Henriques, que saiu em posição adulterada, e irresolúvel por conseguinte, mas ainda a composição n.º 2 do Concurso Internacional que foi publicada com inversão da chapa e com o «Lema» alterado.

Efectuamos nova publicação e pedimos a todos — autores, dedicados, solucionistas e Dr. Carlos Lafora — desculpa deste contratempo de que, aliás, não fomos culpados:

PROBLEMA N.º 2

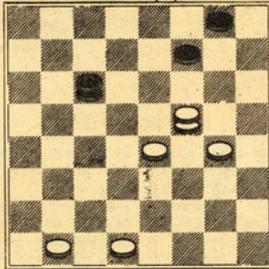
Lema: «Damófilo»

(Final artístico)

«La Provincias», 26-6-944

Las Palmas — Espanha

Pretas: 3 peças



Branças: 5 peças

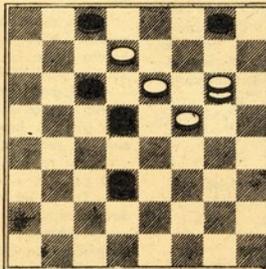
Jogam as brancas e ganham.

(Secção portuguesa)

PROBLEMA N.º 43 (Concurso)

Por: Lusitana

(Lisboa)



Jogam as brancas e ganham.

Colocação das peças:

Branças: Pedra em 18, 22 e 27.

«Damas» em 21.

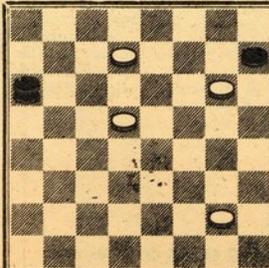
Pretas: Pedra em 23, 29 e 31.

«Damas» em 11 e 19.

FINAL DE JOGO N.º 11 (Concurso)

Por: Lusitana

(Lisboa)



Jogam as brancas e ganham.

Colocação das peças:

Branças: Pedra em 5, 19, 21 e 27.

Pretas: Pedra em 25. «Dama» em 24.

PROBLEMA N.º 41 (Concurso)

Solução

4-7, 28-10; 7-3 { 10-19; 3-10 g.
10-17; 22-26 e 15 g.

PROBLEMA N.º 42 (Concurso)

Solução

23-27 { P. 30-23; 32-7 e 7-3 g.
P. 11-2; 32-5; 27-31; 31-12; 12-3 e 3-10 g

NOTICIÁRIO

Por iniciativa do sr. Abílio Rodrigues David, proprietário do Café Arcádia, de Santarém, deslocou-se àquela cidade no passado dia 4 de Junho, a provisória «Equipa do Ribatejo», constituída pelos srs. António da Costa Santos, Raúl Duarte Glória e Francisco Henriques, afim de se defrontar, num encontro amigável, com a «Equipa de Santarém», formada pelos três primeiros classificados no último Campeonato daquela cidade, srs. Henrique Ferreira, Júlio Paulino e José Domingos.

A «Equipa do Ribatejo» obteve sobre a de Santarém o resultado de 22 pontos contra 14.

O segundo encontro entre os dois grupos efectuou-se em Almeirim 15. dias depois, tendo sido de novo o resultado favorável à «Equipa do Ribatejo», desta vez, porém, pela ligeira vantagem de 19 pontos contra 17.

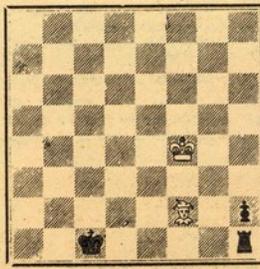
A amizade entre todos os componentes das duas equipas manifestou-se sincera e profunda desde o momento das apresentações, tendo-se no final dos encontros trocado alguns brindes, o que, aliado à gentileza, lealdade e camaradagem demonstradas, perdurará na mente de todos.

Presentemente, não só estão prazados novos encontros, como se estudam as bases — que em breve serão pateentadas — para a realização, na capital do Ribatejo, do I Campeonato desta Província, que apurará a definitiva «Equipa do Ribatejo». Terá esta, então, de futuro, a árdua missão de se defrontar com outros grupos damísticos, inclusivamente de Lisboa. Apraz-nos, sobremaneira, registar esta actividade, que vem quebrar a apatia em que se encontram os agrupamentos damísticos do nosso País.

XADREZ

ESTUDO N.º 10

Por: J. Gazonyi



As brancas jogam e empatam.

SOLUÇÃO DO ESTUDO N.º 9

1. e6, b3; 2. e7, b2; 3. e8=B1, b1=D; 4. Bg6+, ganham.



— Como você é gentil, caro Ventura, por ter vindo ao meu camarim cumprimentar-me no dia do meu aniversário...



— Venho para te saudar e para a minha infinita admiração...



— Queira, pois, aceitar este ramo de flores como singela homenagem pelo seu 20.º aniversário natalício e 35.º de carreira teatral...

O MENINO "CLIPPER"

por Ruy de Sequeira Nazaré

ILUSTRAÇÃO DE RUDY

HÁ, sob a roda do sol, certos indivíduos que o próximo classifica de excêntricos, maníacos, anormais ou doidos. Hoje, a esta classificação popular, veio juntar-se uma outra, modernizada e baseada nos «tipos ciné-filos» que Hollywood exporta, em quilómetros de celuloide, para o mundo civilizado.

Assim, Tobias — Tobias de etc... Lopes, mais conhecido por *Toy* (síntese monossilábica inventada por uma das suas inúmeras admiradoras) — pertencia ao tipo «Tyron», graças ao cabelo, ao do «Roberto», devido aos incisivos superiores postiços, e, também, ao padrão «Clark Gable», de fonte segura. Deu-mas a *Tatá*, a última namorada do *Toy* (ou *Toby*.) Mas, estas considerações de classificação, não abalam o juízo que o homem da rua faz do jovem Tobias. Para ele, o *Toy*, da *Tatá*, é e será sempre o «menino-cliper».

Toy tem 18 anos. Por vezes anda com a barba crescida e diz que tem mais.

— Vamos conhecê-lo, pessoalmente, ao «Chave d'Ouro».

Não compreendo esta *Tatá*. Há dias que não me diz outra coisa. Hoje a sua insistência é maior porque o meu nó de gravata causa-lhe dores de cabeça.

— Devias ver o *Toby*! Elegante no vestir! Um galã-*swing* à *dernier-cri*!

Não tive outro remédio senão acompanhá-la ao salão de chá.

É sempre agradável fazer algo pelo próximo. Eu gostaria de *desfazer* êsses nózinhos que a *Tatá* trás nos miolos sobre nós de gravatas e artigos circunvizinhos da indumentária masculina.

* * *

De cada gole de café que sorvia, mais se lhe ia arreigoando às cerebrais circunvoluções a idéia de que fiserá bem em acabar o namoro com a *Tatá*. Assim pensava Tobias, instalado confortavelmente numa cadeira, e observado sem nos poder ver a mim e a *Tatá*, que, naturalmente, estava para ele toda olhos.

Esvaziei a minha chávena. Mandei *Toby* para o diabo. O meu conceito sobre o rapaz permaneceu inabável. (Sim, porque isso de idéias convicidas depende, como se sabe da quantidade de líquidos ou sólidos que podemos emprestar ao estômago.)

Toby reparou na mesa vizinha. Um rosto feminino emergia gracioso da taça em V do decote. Fitava-o tristemente, como se lhe adivesse o espírito insatisfeito que, nesse momento, sabemos, se debatia com o ax-amor da *Tatá*. Tobias Lopes repetiu, *in-mente*, esta lição Ovídio que lhe fôra ensinada pelo tio Felício, solteiro impenitente:

«*Sentai-vos junto à dama, se não houver quem o impeça. Juntai quanto possível o vosso corpo ao dela e tocaí-a, não obstante isso lhe pese, como se a tanto vos obrigasse o reduzido assento.*»

— Ah! Se aquilo fôsse um cinema!

— O senhor me dá um fósforo?

A voz vinha da mesinha do lado. Era a beladade que estendia um cigarro por acender na direcção de Tobias. Este, feito de surpresa, ofereceu-lhe lume e balbuciou: «*Enchanté!*»

— Obrigadinha, não diga bobagens em francês... Sou brasileira.

— Então somos como irmãos — retorquiu, gentilmente, o galãzinho. Mas logo se lembrou do conselho do tio Felício. (É péssimo começo para uma conquista chamar irmã a uma mu-

lher). Arrependeu-se. *Toby* enveredou por outra via, marítima, afim de desanuviar a primeira, tão terra-a-terra:

— «Temos afinidades bastante próximas... Sim... apenas separados pelo Atlântico...»

— Que é nosso, não é? — concluiu ela. Ar de íntima confissão.

— Exactamente — disse Tobias, apontando o indicador para o teto (o que originou a aproximação do criado que, em voz de locutor desportivo, somou: «Quinze, dez, oito e quinhentos... são onze escudos, senhor doutor»). Tobias pagou vinte escudos.

— Fique com o trôco.

A senhora protestou, sem elevar a voz afim de não perturbar o evidente entusiasmo e devoção dos outros clientelí consumidores de café. O criado dobrou-se, em solene curvatura, como se quisesse mascarar-se de harpa.

* * *

Quando saíram para a rua a noite estava escuríssima.

— Adoro noites assim — exclamou para ele — noite escura, nós dois, e íntimas confidências.

— Repare — disse Tobias (agora mais à vontade porque já se tinha feito passar por médico, e ela adorava doutores moços) — os bicos de iluminação... estranhos planetas... luz tão meiga... parecem os seus olhos, há momentos, muito tristes...

— Ai, ai! O senhor doutor está virando tiri-rica!

— Porque estava triste?

Ela não respondeu.

— O seu olhar triste impressionou-me... posso, por isso, saber o que a preocupa? — Tobias, não obtendo resposta insiste:

— Talvez lhe possa valer...

— O quê? Você me quer dedicar um fado?

— disse a parceira em meigo tom.

— Eu seria capaz de lhe dar tudo! Até a lua se ela estivesse ao alcance da mão.

— Bobagem! Se a lua estivesse pertinho da gente, há muito que a gente *punha ela* numa casa de penhores.

Tobias (achou melhor calar-se. A avenida estava silenciosa. Apenas se ouvia o ruído metálico que os ferrinhos dos sapatos de *Toby* produziam, a cada passo, no macadame.

— Senhor doutor...

— Pode chamar-me *Toby*...

— Oh, não! Esse é o nome do meu «lulú», por sinal engraçadinho bichinho.

Tobias não prestava atenção à conversa. Obscado por ela não lhe ter dito o motivo da sua tristeza, voltou a perguntar-lhe:



— Diga-me o que a apoquenta. As suas palavras têm um tom de máguá. Só me tem falado em coisas tristes... o fado... a casa de penhores... o lulú...

Ela mediu-o dos pés à cabeça. Achou belos os contornos do seu físico, exagerados na noite que avançava. Em voz maternal murmurou:

— «Que forte!» — e enfiou o braço no dèle. Tobias atezogava o desfêcho daquela conquista tão rápida. Era preciso aumentar a velocidade e chegar ao fim. Chamou um taxi. Ela acedeu a acompanhá-lho. Queria que a levasse a sua casa (dela).

Durante o percurso pediu-lhe que tirasse o sobretudo; como podia ele suportar tanto calor?!

Tobias não pôde fazer-lhe a vontade. A companheira havia confundido o que não passava de um casaco, com o sobretudo. Isto não deixou de irritar *Toby*.

— Estamos próximos — exclamou ela, sem retirar o braço da concavidade do braço do Tobias (os dois membros desenhavam um curioso sinal de multiplicar).

O taxi parou. Apearam-se. Tobias não sabia já o que dizer à bela dama. (Seria preciso?)

— Talvez precisasse dos seus serviços clínicos, doutorzinho...

— Certamente... — gaguejou Tobias. Mas recompôs-se. Ela dizia aquilo noutro sentido, pensou o nosso herói.

— Vou consolar a minha formosa cliente. Essa tristeza...

— Oh, oh... não pense nisso. Eu estava triste sabe por quê? Porque o café tinha pouco açúcar! E se olhei para si com tamanha insistência foi porque... você se esqueceu de deitar açúcar no seu... Mas não é por isso que preciso de si. É que sou doente... já tenho consultado vários médicos... Se não fôsse o meu Wasserman que nunca me abandona e me obriga a tratar-me...

Não chegou a concluir a frase. Tobias sentiu o chão fugir-lhe debaixo dos pés. O tio Felício nunca lhe falara de Wasserman. Daí o desejo de Tobias de desaparecer quanto antes de

(Continua na pág. 16)

VIDA MUNDIAL ILUSTRADA
DIRECTOR: JOSÉ CANDIDO GODINHO
EDITOR: JOAQUIM PEDROSA MARTINS

PROPRIEDADE DE VIDA MUNDIAL EDITORA, LIMITADA
REDACÇÃO E ADMINIST.: RUA DA EMENDA, 69, 2.º - LISBOA — TEL. P.B.X. 2 5844

Composição e impressão: Oficinas Bertrand (Irmãos), L.ª — Trav. Condessa do Rio, 27